pentagrama

Lectorium Rosicrucianum

Vivei do novo princípio anímico

Piet Mondrian, o pintor do vazio

A *Edda:* A árvore da vida

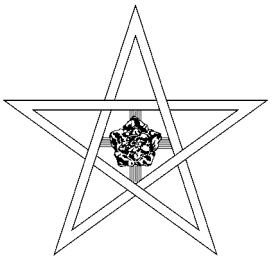
Iluminação sentado?

A Dama Holda, um conto dos Irmãos Grimm

A nova palavra

A vida é bela. A vida é cruel

MAI/JUN 2011 | NÚMERO 3



Editor responsável
A. H. v. d. Brul

Linha editorial
P. Huis

Imagens
I.W. van den Brul, G.P. Olsthoorn

Redatores
C. Bode, A. Gerrits, H.P. Knevel, G.P. Olsthoorn,
A. Stokman-Griever, G. Uljée, I.W. van den Brul

Redação
Pentagram
Maartensdijkseweg 1
NL-3723 MC Bilthoven, Países Baixos
e-mail: pentagram.lr@planet.nl

Edição brasileira
Pentagrama Publicações
www.pentagrama.org.br

Responsável pela Edição Brasileira
M.V. Mesquita de Sousa

Coordenação, tradução e revisão
M.J. Versiani, M.M. Rocha Leite, M.B. Paula Timóteo,
A.C. Gonçalez Jr., D.B. dos Santos, J. Jesus, C. Gomes,
M.D.E. de Oliveira, L.A. Nepomuceno, U.B. Schmidt,
M.R.M. de Moraes, A. Abdalla, M. Mölder, R.D. Luz,
F. Luz

Diagramação, capa e interior
D.B. Santos Neves

Terceira capa
H. Rogel

Administração, assinaturas e vendas
Pentagrama Publicações
C.Postal 39 13.240-000 Jarinu, SP
livros@pentagrama.org.br
assinaturas@pentagrama.org.br
Assinatura anual: R$ 80,00. Número avulso: R$ 16,00

Lectorium Rosicrucianum

Sede no Brasil
Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo - SP
Tel. & FAX: (11) 3208-8682
www.rosacruzaurea.org.br
info@rosacruzaurea.org.br

Sede em Portugal
Travessa das Pedras Negras, 1, 1º, Lisboa
www.rosacruzlectorium.org
escola@rosacruzaurea.org

© Stichting Rozekruis Pers
Proibida qualquer reprodução sem
autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **Pentagrama** dirige a atenção de seus leitores para o desenvolvimento da humanidade nesta nova era que se inicia.
O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade.O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.
A revista **Pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

pentagrama

Ano 33 Número 3 2011

A terceira edição de 2011 da revista **Pentagrama** chega até os leitores com toda a força da busca, com a luz e com o conflito interior que ela implica. Foi redigida por pessoas que estão no caminho, pessoas que estão batendo à porta do imperecível. Afinal, quem ontem estava buscando e hoje encontrou deve, antes de tudo, aprender que tem de continuar buscando! Esse é o método que todos os grandes empregaram e que também queremos aprender: seguir com os buscadores e ajudar-nos uns aos outros, com o máximo de luz que possa existir em nós. Dessa maneira, a força anímica irradia ao nosso redor. E a luz encontra seu caminho através dos homens no mundo.



sumário

estudo da natureza de nossa consciência
"vivei do novo princípio anímico" 2
j. van rijckenborgh
a fuga do círculo fechado 8
o momento criador 10
da impossibilidade de deparar-se com a iluminação 12
iluminação sentado?
***a dama holda,* um conto dos irmãos grimm 15**
piet mondrian, o pintor do vazio 20
alexander scriabin, um artista universal
"a música é um caminho de revelação e um poderoso método de conhecimento!" 24
iluminação para *gamers*
do *last life* para a vida real 27
a nova palavra
alocução proferida no simpósio "a escola da sabedoria da vida" 33
a edda
a árvore da vida 37
um fio condutor para a mística prática
resenha de livro: o caminho de mestre eckhart para a consciência cósmica 42
k.o. schmidt

Capa: O exterior contém o símbolo, o hieróglifo do interior. No desenvolvimento de uma flor ou de uma planta, o ser humano pode espelhar-se: em formação, beleza, fruto.
© elly booi

ESTUDO DA NATUREZA DE NOSSA CONSCIÊNCIA

vivei do **novo princípio anímico**

J. van Rijckenborgh

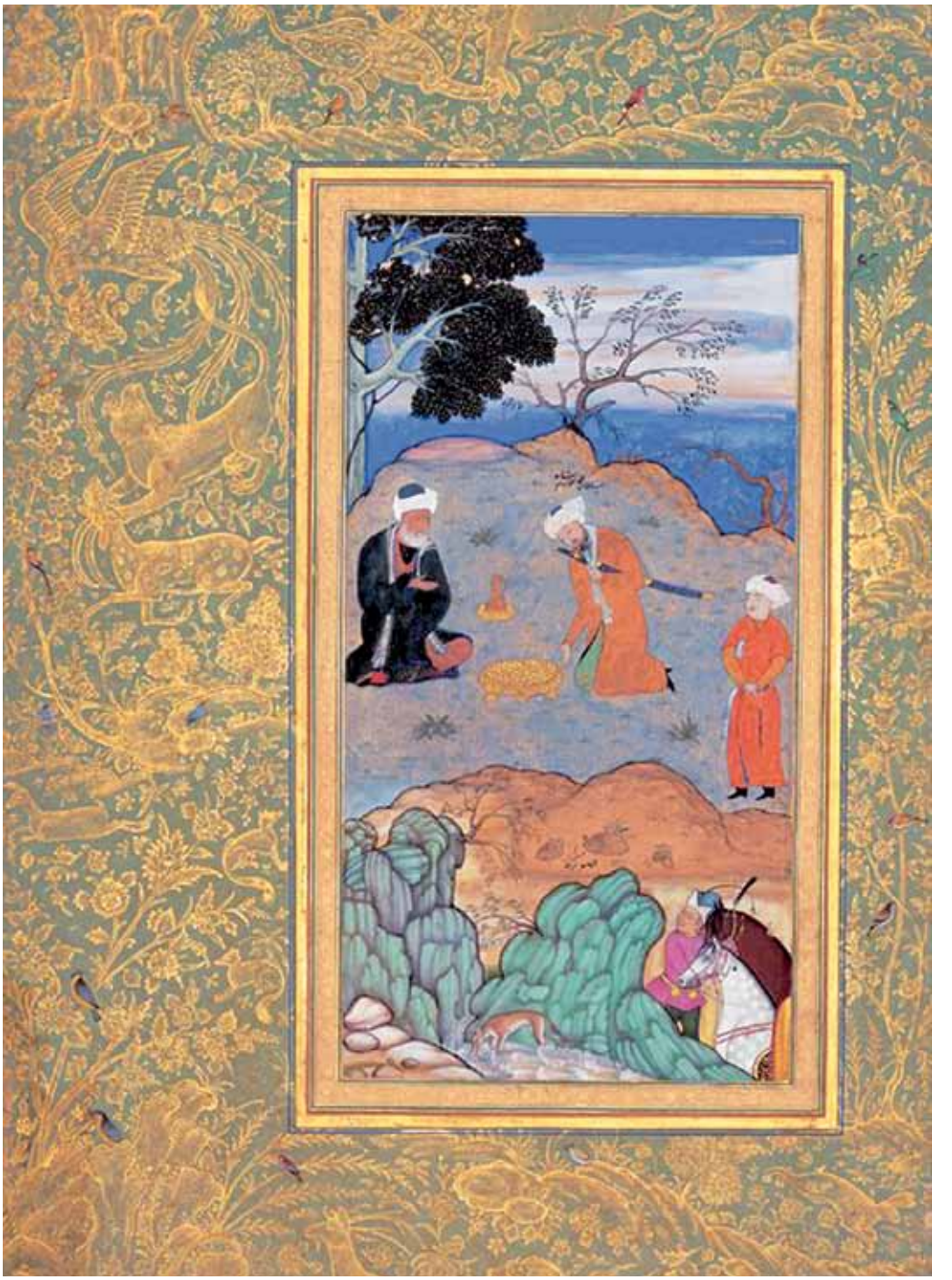
Para compreendermos o que representa a vida desperta e consciente da alma, devemos formar uma justa imagem dos conceitos consciência, vida e alma. A consciência surge quando o princípio animador, que dá origem à vida, está completamente interiorizado. Ou seja: quando ele opera com base no ponto central desse sistema. Na natureza que vemos, há muitas manifestações. Dizemos que elas possuem um princípio vital, porém, nelas, a alma não está interiorizada e age com base no exterior. Consequentemente, esses sistemas não possuem consciência. Pensemos no caso do reino vegetal e nos insetos. A maioria das espécies animais não possui sequer um princípio vital individual. No entanto, em outros animais, existe um estado semiconsciente. Nesse caso, o princípio anímico está parcialmente interiorizado: ele não está exatamente situado no centro do corpo, porém permanece e vibra exteriormente. Em algumas espécies de animais superiores, como os cavalos e alguns cães, o princípio anímico está quase completamente interiorizado, como é o caso do homem.

Se a evolução dessas espécies continuasse, o estado natural dos cavalos, dos cães e dos homens ficaria num mesmo plano. Aconteceria o que muitos autores, no decorrer da história, consideraram possível: a manifestação de animais pensantes e conscientes e também a formação de sociedades de animais. Basta lembrar o conhecido Jonathan Swift. Em sua obra *Viagens de Gulliver,* o personagem Gulliver chega a uma sociedade de cavalos que agem, pensam e vivem como os homens. A interiorização da alma no centro da personalidade torna possível a atividade do pensamento, pelo menos a atividade cerebral no sentido humano comum.

O PRINCÍPIO ANÍMICO O corpo físico é constituído por células e átomos. Ele vive e permanece vivo porque possui um corpo etérico que introduz continuamente no organismo uma força vital quádrupla. Quando esse veículo etérico não funciona bem no ser humano, todos os tipos de dificuldades corporais aparecem. Esse conjunto de corpo físico e etérico é vivificado pelo princípio anímico. Quando, de algum modo, o fio que liga a alma ao corpo se rompe, a morte sobrevém, e o organismo perece, pois o sistema já não pode ser mantido. Verificamos, portanto, que a vida surge graças à colaboração de uma alma ou princípio vital, de um corpo etérico e de um corpo físico.

A consciência nasce quando o princípio anímico está completamente interiorizado. Podemos distinguir diversos estados de consciência, de semiconsciência etc. As diferenças dependem da relação entre a alma e o organismo. O princípio anímico está perfeitamente situado no centro dos veículos

Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri, fundadores da Escola Internacional da Rosacruz Áurea, descrevem e comentam para alunos e interessados o caminho que leva à libertação da alma com base em textos originais da Doutrina Universal, tais como o **Corpus Hermeticum.**



ou apenas em parte? Essa é a questão. Nossa pesquisa mostra claramente que o princípio anímico é muito superior à própria vida, às suas formas e fenômenos. Mediante a vivificação pelo princípio anímico, mediante a animação, tudo existe ou deixa de existir.

O que é então o princípio anímico? Trata-se de um princípio de natureza astral ou sideral. Podemos associá-lo ao veículo astral da personalidade, a um manto que envolve o corpo físico e sua contraparte, o corpo etérico. O veículo astral é igualmente composto por átomos: são átomos mais sutis que os átomos etéricos e materiais.
Há, portanto, átomos materiais, etéricos e astrais, que correspondem às três esferas: material, etérica e astral.

Envolvendo o corpo material da terra há uma esfera etérica, e, acima dela, há uma esfera astral. É nessa esfera astral que o corpo astral do homem permanece durante as horas de sono. Ele é atraído por ela. O corpo astral existe em três estados de ser, em três graus de densidade, com três unidades diferentes de vibração.

No mundo dialético, onde reina a dualidade – aqui, é preciso estar atento para compreender então o que é a transfiguração –, um desses três estados astrais age positivamente, e os dois outros, negativamente. O polo positivo do veículo astral corresponde ao sistema fígado-baço, especialmente ao fígado, enquanto os dois polos negativos correspondem ao coração e à cabeça. Assim, a sede da consciência – portanto a sede da vida dos sentimentos e dos pensamentos de quase todos os homens dialéticos – está centralizada no sistema fígado-baço.
Essas são a base e as características fundamentais da vida de praticamente todos os homens.

UMA NOVA E PODEROSA ATIVIDADE Como almas renascidas queremos entrar em uma nova fase. Isso quer dizer: aspiramos à realização de um novo princípio astral, pois o princípio que nos anima desde nosso nascimento tem uma estrutura dialética, que corresponde à dualidade dos aspectos opostos deste mundo (noite e dia, bem e mal, contra ou a favor etc.).

Na Escola Espiritual, na jovem Gnosis, os alunos se reúnem para conseguir obter um novo princípio anímico, que desencadeia poderosa atividade em seu microcosmo. Quando conseguirmos alcançar essa meta, experimentaremos imensos e maravilhosos resultados, que também podem ser comprovados cientificamente. Como entidades da natureza terrestre, somos animados por um ser astral cuja atividade automática se origina inteiramente da natureza mortal. Porém, quando é impulsionado por certas circunstâncias da vida, o ser humano pode elevar

Quem busca a luz eleva o centro da consciência de seu estado natural, no sistema fígado-baço, ao coração

a consciência do sistema fígado-baço para o coração. Esse início já causa uma notável perturbação do processo vital comum. Afinal, quem consegue elevar sua consciência ao coração não apenas abre a porta de seu coração à luz gnóstica, como também causa, ao mesmo tempo, uma perturbação de ordem magnética no ser astral – esse princípio animador natural que até então governava toda a sua vida.

A ABERTURA DA PORTA DO CORAÇÃO

O aluno sério da Escola Espiritual deve alterar a ordem dos princípios naturais que o animam, movimentam e permitem que ele viva. Isso ele consegue ao elevar o centro da consciência do sistema fígado-baço para o coração mediante o intenso anelo pela luz libertadora, mediante a busca persistente por essa luz.

Quem busca a luz eleva o centro da consciência de seu estado natural, no sistema fígado-baço, ao coração. E por meio desse anseio de salvação, desse anelo do coração, abre-se, em determinado instante, a porta do coração para a luz da Gnosis. Desse modo a polaridade positiva do centro do fígado e a polaridade negativa do centro do coração são revertidas. Mediante essa transformação, esse deslocamento do arranjo magnético, o controle do mundo astral da natureza da morte sobre o aluno enfraquece e, ao mesmo tempo, é criada a possibilidade de que outro princípio anímico, que penetrou no coração e despertou o botão de rosa de seu sono de morte, se desenvolva e possa irromper em seu ser. Por essa razão, para um discipulado positivo, é fundamental que o candidato consiga realizar a transfiguração da alma. Essa é a chave do bom êxito na senda.

O NOVO PRINCÍPIO VITAL

Quando o aluno segue o caminho do estado de alma renascida, no início ocorre o mesmo que acontece em uma planta ou em um animal: como o novo princípio astral, ou seja, o novo princípio anímico, ainda não está concêntrico com relação aos demais veículos, a nova consciência ainda não pode existir. No entanto, o novo princípio anímico, a nova alma, está presente de fato. Ele trabalha no aluno e o impele a muitas atitudes na vida, mas ainda falta a nova consciência, pois o novo princípio anímico ainda não está concêntrico com os outros veículos do corpo. A nova alma

já exerce influência sobre a vida; trata-se, graças a Deus, de uma nova e crescente vida anímica, mas esta ainda não é controlada, não é consciente, portanto, ainda não é sentida.

Por isso, na Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, como sempre aconteceu na Gnosis universal, é continuamente enfatizado que o aluno, mediante seu autossacrifício e sua cooperação prestimosa, viva de acordo com as normas do novo estado de alma.

A grande maioria dos alunos, se não todos, foi atingida e marcada pela luz. E, por isso, a Escola diz incansavelmente: "Conscientes ou não do novo princípio anímico, vivei dele, vivei disso que já possuís como nova força de alma. Então, chegareis um dia a viver verdadeiramente!"

Fazendo isso, essa nova atitude de vida cuidará de preparar "a morada". Quando Jesus, o Senhor, diz no Evangelho: "... e viremos para ele e faremos nele morada", isso significa que o novo princípio anímico imortal deve formar-se de maneira perfeitamente concêntrica com os outros corpos.

Portanto, a alma da renovação deve poder morar perfeitamente no candidato. Assim como a velha alma é concêntrica com todos os outros corpos, o mesmo deve acontecer com o novo princípio anímico.



No estado de alma transfigurada o candidato atinge o começo que possibilita a verdadeira e eterna evolução

A REVERSÃO DOS POLOS Realmente, há enorme diferença na reversão. No antigo estado de alma natural, o pólo positivo localiza-se no sistema fígado-baço, e o negativo, na cabeça e no coração. No novo estado anímico, a situação é invertida, o pólo positivo é estabelecido na cabeça e no coração, enquanto o pólo negativo fica no sistema fígado-baço. Quando realizardes essa reversão, quando viverdes da nova força da alma de maneira consequente, a nova consciência anímica também florescerá, e surgirá uma vida desperta e consciente da alma no sentido gnóstico.

E assim podemos dizer: o estado anímico com o qual se pode viver no novo campo astral relaciona-se com um corpo astral de polarização totalmente inversa. Voltar-se para a luz gnóstica significa, ao mesmo tempo, uma inversão, uma reversão, um voltar-se em sentido literal.

Considerai, nesse contexto, o relato sobre Maria, a mãe do Senhor: "Quando o Espírito Santo desceu sobre ela, ela voltou-se, e viu Jesus em pé".
Vamos agora esclarecer que o princípio astral do homem, o corpo astral, o ser anímico, está ligado a uma fonte da qual ele vive e pela qual é alimentado. No caso do homem nascido da natureza, essa fonte situa-se diretamente no mundo astral, nos éons naturais. Porém, no estado de alma transfigurada, de alma revertida, o candidato atinge a base da vida primordial, do começo que possibilita a verdadeira e eterna evolução, o eterno vir-a--ser.

Nesse estado de alma já não há ligação com os éons naturais, mas exclusivamente com o Espírito, com a força original da manifestação do Universo, que suscita e dá a vida. Somente agora, nesse novo estado de alma, a ligação com o Pimandro do início torna-se de novo um fato, restabelecendo o que um dia foi rompido.

Então o eterno Espírito se manifestará no inteiro estado de vida, mediante o princípio anímico imortal. Por isso, é uma lei sagrada e universal a afirmação: "Quem renova a alma descobre o Espírito e o encontra". ✪

© ELLY BOOI

a fuga do círculo fechado

Passos pesados fazem-se ouvir em cima de mim. Colocaram-me sobre este riacho para servir de ponte e escolheram-me porque minha madeira é adequada para essa função. Dizem: "O carvalho é duro e não apodrece rápido!"

Começo a ter lembranças. Não é a primeira vez que andam, saltam, tropeçam sobre mim... Vivo essa experiência desde o início de minha vida, sem cessar. Quando eu era uma pequena noz de carvalho, uma forte tempestade arrancou-me de minha mãe, assim como muitos irmãos e irmãs menores. Caí e rolei montanha abaixo onde se erguiam numerosos e imensos carvalhos. Fui parar entre duas pedras enormes. O casco de um cervo que passava afundou-me ainda mais no pedregulho.

E as folhas que caíam me cobriram rapidamente. Pouco depois escutei animais farejando. Javalis! Eles estavam quase me encontrando quando um tiro os fez partir em disparada. Ao passar por mim, um deles me enterrou ainda mais no chão. Na primavera seguinte, minha raiz penetrou a terra e um pequeno e belo caule, com lindas folhas, lançou-se em direção à luz. Em seguida, sem prestar nenhuma atenção, algumas pessoas caminharam por cima de mim, enquanto outras me fizeram estalar debaixo de seus sapatos, mas, flexível como eu era, me reerguia sempre.

Certa vez ouvi que, lá no alto, na montanha de onde eu viera, estavam derrubando árvores. Estrondos e estalos acompanhavam os últimos suspiros dos velhos carvalhos abatidos. "Com esses troncos grossos faremos muitas vigas e pranchas", disse um dos homens, "e os galhos do topo darão uma boa lenha para o inverno".

Era esse, então, o destino de um esplêndido carvalho: crescer durante séculos, suportar o vento e as diversas condições climáticas, deixar-se cortar, podar, passar na serra elétrica e transformar-se em móveis. No final de seu ciclo terrestre, a árvore desaparece, servindo para fazer fogo e devolvendo o calor do sol armazenado durante muitos anos em sua madeira. E o que sobra não passa de um punhado de cinzas e um pouco de umidade. Ou ainda, como aconteceu aqui: uma pequena ponte no meio de uma paisagem campestre.

Estes eram os pensamentos de dois caminhantes que se encontravam depois de muitos anos diante de um carvalho ainda em pé e já bem idoso. E o carvalho pensou: Um ciclo sem fim, eterno – isso é tudo? Esse é o sentido da vida na terra? É igual para todos os seres vivos? Para todos os vegetais, animais, humanos? Às vezes felicidade, às vezes desgraça? Dentro dele, a fúria, a raiva, a tristeza e o desespero disputavam o primeiro lugar. Seria realmente esse o sentido da criação?

Junto da árvore, no silêncio de uma noite clara e fresca, os dois passantes tiveram a impressão de ouvir uma voz suave: "O ser humano é como uma árvore, mas suas raízes estão no céu. Quebremos o círculo, o ciclo do nascimento



eterno, do crescimento, do desenvolvimento e da morte. Expandamos a espiral em nosso interior e elevemo-nos! Sentimos o desespero e nos perguntamos. Aqui, a única resposta possível é: Renascer! Elevar-se interiormente, acima do campo de vida natural, buscar um destino superior! Assim a morte será apenas o fim necessário da velhice e da rigidez da madeira; e nossa nova animação, o despertar de uma energia flexível, divina e luminosa, capaz de assimilar completamente as correntes vitais da vida original!" ✪

o momento **criador**

ENSAIO SOBRE COMO APROXIMAR-SE DELE

Os que praticam o zen exercitam-se durante anos visando a uma única ação, servir o chá, atirar com arco ou desenhar com crayon. Eles fazem tudo isso unicamente para, um dia, num instante incondicional de autoesquecimento, vivenciar o milagre: sair da dualidade e do "eu" e ingressar na unidade com o Ser.

O FENÔMENO DA EXAUSTÃO Conseguimos perceber? Sabemos que o eu precisa dissolver-se no caminho espiritual. Portanto, é por aí que tentamos começar. O fracasso já está programado, mas não é errado continuar a fazer tentativas. Durante o longo conflito, acompanhado pela auto-observação, sentimos nosso insucesso. Nossa vontade pessoal não é suficiente para alcançar o alvo – afinal, o que constitui o obstáculo é exatamente o esforço! Depois de certo tempo, essa experiência gera esgotamento. Ora, se mesmo exaustos continuamos com nossas tentativas infrutíferas, ainda é possível, como personalidade aliada ao "agente" que está oculto em nós, continuar o trabalho por muito tempo – enquanto esperamos indefinidamente que surja algum sucesso.

Mas, o que realmente sabemos a respeito desse momento espiritual? Como ele acontece e com que ele se parece? Mesmo quando o nosso esforço é gerado pela lembrança de vivências anteriores de "abertura de consciência", esquecemo-nos do caminho que leva até esse momento espiritual e também nos esquecemos da chave e da porta. É que elas são extremamente incompreensíveis, cercadas de brumas – e nós, os valentes buscadores, não podemos enxergá-las de modo algum, apesar de elas estarem bem na nossa frente. Já nos esquecemos da porta. Sempre fazemos isso, apesar de termos vivido a fugaz experiência dessa abertura de consciência por muitas e muitas vezes. É que, para o ser humano, é impossível já ter uma chave pronta, que convenha a todas as situações. Mas, quando tudo vai bem, a porta está sempre aberta diante de nós.

A LUTA PELA EXISTÊNCIA Assim, plenos de nostalgia e de desejo, ricos de experiência e cheios de ideias, giramos em torno do limiar da porta. De que tipo são as ideias que fazem a porta aberta dissipar-se? Quais são os obstáculos que mencionamos aqui? Que tipo de obstáculos são esses? De onde eles vêm? A experiência de vida fornece os métodos para avançarmos, para termos uma ideia do quanto já avançamos mais que os outros na luta pela existência. Com o passar dos anos, traçamos um plano de vida, em parte retomado de nossos pais, em parte trazido como herança cármica, e em parte baseado em nossas próprias vivências.

Em relação aos momentos especiais dessas "aberturas criativas" também existem, dentro de nós, reminiscências e ideias mais ou menos claras, relativas às sensações, imagens e determinadas cenas que vão surgindo. Todas essas ideias que nosso subconsciente tece continuamente a respeito de nossos projetos vêm em forma de dados estratégicos que estão à nossa disposição na luta pela existência. Mas em nada nos ajudam quando se trata de aproximar-nos da verdadeira liberdade ou da "unidade com o outro". Pelo contrário: elas nos prendem, desse modo, às imagens sufocantes que continuarão a cristalizar-se dentro de nós durante toda a nossa vida! Os jovens utilizam toda a sua energia para ultrapassar essas muralhas. Em matéria de criatividade, na maioria das vezes eles são ousados e nada convencionais, e aventuram-se em todo tipo de formas e conteúdos novos. É que seu projeto interior ainda não se tornou obrigatório.

O que é que caracteriza aquele momento único da experiência criativa? Podemos descrevê-lo assim:



Joseph Mallord William Turner (1775-1851) Fall of the Tees in Yorkshire, 1825-26 (Cascatas do Tees, em Yorkshire). Indianapolis Museum of Art, EUA

"Precisamente porque não te prendes a ele, ele não te abandona. Quando alguém segue o caminho da autoentrega, em silenciosa contemplação, ele descobre que, embora se mantenha minuto a minuto desapegado em seu ser interior, a nova vida o inunda com seus raios. A nova vida não lhe pertence; ela pertence ao Outro, porém o eu dialético funde-se nela completamente e desaparece." Assim, podemos continuar fazendo, com toda a naturalidade, tudo o que fazíamos antes, porém livres da rotina diária, sem atribuir-lhe nenhum valor. Não importa o que irá acontecer. Nós viveremos de acordo com uma necessidade interna, que não obedece a critérios externos.

EM CÂMARA LENTA **Com base em tudo isso, percebemos algo incrível: ficamos um pouco mais lentos em tudo o que fazemos. Mas será que é só na aparência? Com certeza exercemos nossas funções sem esforço, com leveza, sem dúvidas e sem comentários – como os cineastas que filmam em câmera lenta os momentos especiais ou decisivos. O que caracteriza esses momentos? O que faz com que cada espectador saiba o que o diretor quer expressar com a câmera lenta?**

Parece que, nas profundezas do ser humano, está adormecida a reminiscência de que o tempo irá parar quando nos libertarmos do "eu". Do mesmo modo, nesses instantes decisivos que determinam o destino, diante da violência de uma corrente de energias superiores, percebemos que estamos completamente neutros segundo o eu. Estamos magnificamente a ela ligados! Por fim, entregamo-nos a ela. O desejo de entregar-nos a essa corrente permite que todo o nosso sistema se acalme, e, como se diz, "esse momento parece durar eternamente". Contudo, no instante seguinte, a experiência dobra-se diante do pensamento, da análise e do julgamento de tudo o que vivenciamos. Portanto, paremos! Desistamos de ficar sempre forjando chaves que fecham nossa prisão do lado de dentro, quando na realidade a porta está amplamente aberta! ✪

da impossibilidade de deparar-se com a iluminação

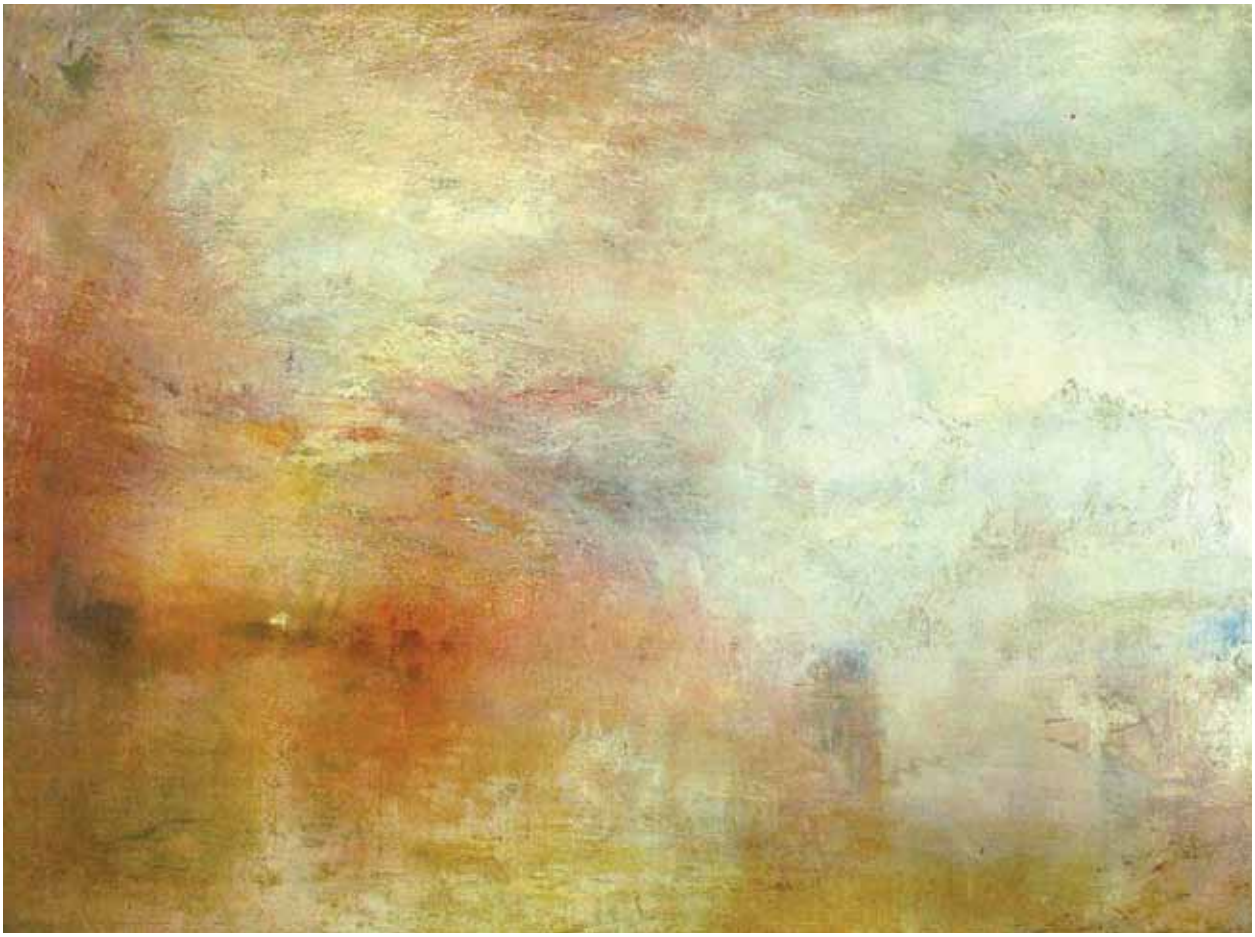
Diante da janela, o sol da manhã se elevou lentamente no horizonte. Agora, já está brilhando intensamente, iluminando a fileira de árvores, e seus raios projetam um brilho dourado sobre a mesa e o papel. A sombra de minha caneta segue fielmente sua contraparte material que vai traçando letra por letra no papel, dando a impressão de que as palavras se vão formando simultaneamente em dois níveis.

OS SINAIS Posso escrever a respeito de um ser "não iluminado" porque percebo isso diariamente, muitas e muitas vezes. Trata-se de algo familiar: do sofrimento motivado pelas circunstâncias e situações desastrosas da vida cotidiana e da aversão pelas pessoas que "dão nos nervos", com seus hábitos incômodos de desejarem impor-se. Isso, sem falar de pensamentos e sentimentos execráveis e inexprimíveis que sempre nos estão surpreendendo. Todas essas ações descrevem bem claro um estado não iluminado.

Então, o que vem a ser iluminação? Olho pela janela e me dou conta de que o sol se elevou e desapareceu de meu campo de visão. Com ele, também desapareceu o brilho dourado sobre minha mesa, onde a luz comum de um belo dia de outono ocupa agora seu lugar. Embora o sol já não seja visível como um disco radiante, sua luz permanece à minha volta iluminando o dia: posso perceber sua atividade.

DESCRIÇÃO DO SOL Mas, o que acontece à noite, quando nosso lado do planeta dá as costas ao sol e as trevas nos envolvem? Para nossos olhos, o sol desapareceu de modo incontestável. Contudo, sabemos que ele está sempre lá e voltará na manhã seguinte. Ou, falando mais exatamente: o lado da esfera do mundo em que vivemos estará voltado para ele. E se a noite se prolongasse infinitamente? Por quanto tempo ainda saberíamos da existência do sol? E se todos os que o viram fossem morrendo com o passar do tempo? Certamente eles fariam uma descrição do sol a seus descendentes, que jamais o viram! Mas, de que forma essa descrição chegaria à terceira, à quarta ou à centésima milésima pessoa? Sem dúvida alguma, poderia chegar assim: "Antigamente, o sol iluminava o dia com sua luz. Seus raios cálidos penetravam praticamente todos os cantos e projetavam nitidamente os contornos luminosos de todas as coisas". E quem nunca houvesse vivenciado esse acontecimento, mal conseguiria imaginá-lo. Perguntaria:

"Como seria isso? Como milhares de lâmpadas fluorescentes acesas no mesmo momento?" "Não! Dizem que a luz do sol é mais dourada e muito mais quente." "Então seria talvez como uma imensa onda de lâmpadas alógenas acesas ao mesmo tempo?" "Não. Dizem que a luz do sol é mais suave, cambiante e mais matizada." "Seria como... um oceano de velas brancas?" "Não: a luz do sol não vacila, não oscila nem se extingue com o vento." "Você quer dizer que, para podermos descrever a luz do sol, precisamos enxergá-la?" "Sim." "Mas, se eu nunca a tivesse visto, e alguém que a conhecesse quisesse descrevê-la... Eu teria de acreditar nessa pessoa? E, caso eu acreditasse nela, poderia fazer uma representação dessa luz para compreendê-la? E se eu formasse uma imagem em minha mente – como a luz de milhares de lâmpadas alógenas ou como um oceano de velas? E se eu fosse para onde o sol pode ser visto, e, depois de vê-lo,



William Turner, Sun setting over a lake (detail) 1840, (Pôr-do-sol sobre um lago (detalhe). Tate Gallery, Londres.

voltasse para o lado sombrio da terra e pudesse relatar minha viagem? Será que seria capaz de explicar tudo com clareza para que outros compreendessem... ou me faltariam palavras para isso?"

Por enquanto, tomo a decisão de já não falar sobre a iluminação até que possa alcançá-la. De agora em diante, vou somente assistir a tudo o que acontece comigo. Acho que esse não é um final tão ruim para uma história

E penso: é por isso que o caminho para a luz, para a iluminação, não é um caminho de ideias e expressões intelectuais, mas sim de escuta interior e realização do que ouvimos

sobre iluminação. Por isso, ponho a caneta de lado.

A ALMA QUE ESTÁ NA LUZ Das profundezas da memória me chega uma lembrança. É meu filho, com seus cinco anos de idade. Aproxima-se de mim com ar pensativo, levanta as mãos na frente dos olhos e diz: "Mamãe, quando a gente morre e a nossa alma vai para Deus... a sombra ainda existe?" – pergunta, mostrando as mãozinhas e o corpo. Fiquei intensamente perturbada pela profunda seriedade que lhe irradiava dos olhos. Penso que geralmente as crianças são de grande pureza, quase santas. Por que essa lembrança me vem justamente agora? Redescubro, como antes, a verdade dessas palavras de meu filho.
O que projeta essas sombras que são nossos corpos? Que luz as irradia? Quando a alma se volta para "Deus", os corpos continuam como sombras. Portanto, a alma é o elemento que dá vida às sombras! Uma alma que se tornou totalmente luz já não produz sombra, pois é esclarecida, iluminada. Iluminação é isso! É uma qualidade da alma. Já não é um estado do corpo, nem qualquer faculdade da personalidade. Mas, reflito: a alma não seria uma parte da personalidade?
... Sim, mas à medida que a nova alma estiver na luz e nossa personalidade estiver ligada a ela apenas como sombra. Do contrário, a personalidade também agarra a alma.

Aqui termina a cadeia de associações de ideias espontâneas. Permaneço sob o impacto de minha admiração. Uma criança de cinco anos havia compreendido intuitivamente essa ligação, com seu pensamento infantil ainda não formado! Alguém que chegou a experimentar verdadeiramente a luz, que virou luz ele mesmo, aconselhou a nos tornamos crianças: Cristo! E eu, será que compreendi esse conselho? Em caso positivo, já conseguiria colocá-lo em prática na vida cotidiana? O que fez meu filhinho, na realidade?
Ele abordou ousadamente a possibilidade da própria morte, permanecendo inteiramente aberto à possibilidade da vida. Será que, como adulto inteligente, posso abrir-me aos impulsos de uma alma que alcançou a luz? Será que se eu escutar a voz interior, como uma criança extraordinariamente atenta, poderei vivenciar novamente um pouco da luz do sol espiritual que nunca ficou ausente?
Esse pensamento desperta em mim um anseio extraordinário. Quero escutar, quero experimentar a luz. Desejo dialogar com minha alma e ouvir o que ela quer dizer-me. E penso: é por isso que o caminho para a luz, para a iluminação, não é um caminho de ideias e expressões intelectuais, mas sim de escuta interior e realização do que ouvimos.
Enquanto o ouvido interior não pode ouvir nada, é de supor-se que os olhos internos também não verão nada! E a luz – que é uma realidade para a alma – continuará sendo para mim, pelo menos por enquanto, a luz de milhares de lâmpadas fluorescentes. É por isso que decidi, de agora em diante, guardar silêncio a respeito do assunto "iluminação" ✪

iluminação sentado?

"Os rosa-cruzes vivenciam a iluminação?" Quando um buscador espiritual me faz essa pergunta, hesito um pouco, antes de responder. É que tenho diante de mim alguém que não está querendo uma explicação teórica ou filosófica, mas sim uma resposta muito pessoal.

A DAMA HOLDA, UM CONTO DOS IRMÃOS GRIMM[1]



Será que eu deveria responder a essa pergunta na primeira pessoa, sabendo que "eu" e "iluminação" não combinam, e até mesmo se excluem totalmente? Por outro lado, trata-se de uma necessidade de intercâmbio de pessoa para pessoa, de uma procura por entendimento a ser compartilhado por duas almas. Alguém está se dirigindo à minha pessoa – a mim, que também sou um buscador que se esforça para encontrar a verdade.
Eis minha resposta:
Sim. Tenho a mais profunda convicção disso e percebo que, num campo tão especial como o da Escola Espiritual, a iluminação pode acontecer a qualquer instante. Minha experiência de iluminação não é nem espetacular, nem sublime, nem formidável. Eu a vi-

1 Esse conto de fadas alemão recolhido pelos Irmãos Grimm foi publicado pela primeira vez em 1812. A personagem era originalmente conhecida como Frau Holle (também conhecida como "Dona Flocos de Neve" ou "Dama Inverno"). Tem dentes compridos e é assustadora. Em alemão existe uma relação etimológica entre o nome Holle e a palavra inferno (Hölle).

Chega até mim uma corrente provinda do espaço mais interior, mais imperceptível, imperecível e atemporal

vencio muito mais como uma corrente de forças subjacentes. Meus pensamentos comuns a respeito disso quase não participam. No entanto, interiormente, há uma mudança que vai acontecendo de forma imperceptível e me deixa assombrado quando tomo consciência dela. Sinto que alguma coisa está fluindo, algo está mudando: são novas ideias, novas maneiras de considerar um problema que se apresenta à minha consciência.
Acontece com frequência de eu não estar certo de ainda poder falar de "minha" consciência: é como se ela já não pertencesse apenas à minha pessoa. Sem dúvida tenho uma consciência, uma imagem de mim mesmo e do que me cerca. Penso e sinto em função de certos padrões. Mas, de tempos em tempos, essa consciência é atravessada por raios luminosos, por clarões que não consigo explicar. Sempre tenho a impressão de ser iluminado por uma lanterna proveniente de um lugar mais elevado. É como se essa lanterna enviasse seus raios até o fundo de uma caverna. Essa luz me traz compreensão, novas perspectivas aclaradas por coisas cujas relações até então me eram obscuras. Muitas vezes também tenho a impressão de ser acariciado por uma luz aquecedora, cujos raios ativam os processos de maturação totalmente fora de minha consciência. Todavia, chega um momento de maturidade em que algo do novo se desenvolve e insiste em vir à luz. É bastante difícil expressar esse novo tipo de experiência com o auxílio de palavras.

APRENDER A FALAR Talvez seja possível comparar tudo isso à aprendizagem da linguagem. No início, dispomos somente de um vocabulário passivo, mas, a partir do momento em que algumas noções se vão tornando claras por força da repetição, elas brotam e tornam-se ativas. Elas atingem o estado de "vocabulário ativo". No início, as palavras são apenas repetidas. Mais tarde, elas podem ser evocadas e pronunciadas conscientemente. Contudo, mesmo quando temos à nossa disposição um vocabulário, ainda não está disponível um encadeamento livre de pensamentos: ainda não existe fluidez de linguagem. As palavras devem ser levadas numa corrente, e isso somente pode acontecer quando elas viram uma correnteza de força que nasce do interior. Para mim, é difícil entender como essa corrente interior toma forma. Em todo caso, ela não procede de meu pensamento nem de meu intelecto. Também não se desenvolve com base em minhas emoções. Não é induzida pela vontade nem é consequência de minhas intenções – e provavelmente muito menos de meu passado cármico, do fardo cármico que trago nas costas. Não. Ela flui do espaço mais interior, mais inapreensível, imperecível e atemporal.
Mesmo não podendo compreender o funcionamento dessa corrente interior, uma coisa está em meu poder: não criar nenhum obstáculo para ela. Posso alcançar até mais do que isso, pois consigo transformar diretamente em vida e em atos tudo o que vou recebendo e vivenciando. Mas isso somente será possível se eu estiver disposto a seguir a corrente, a aceitar as mudanças da vida a cada instante, a cada segundo. Esses clarões são um auxílio: são sinais portadores de um convite. Tornar-se interiormente iluminado cria uma tensão que implica em uma missão. A experiência da luz é incompatível com o conforto da poltrona: ela



Retrato de Jacob e Wilhelm Grimm, desenhado pelo irmão Ludwig Emil Grimm em 1843.
Hanauer Geschichtsverein E.V. 1844, Hanau-Kesselstadt, Alemanha

ocasiona um sentimento de responsabilidade e dá nascimento ao desejo de responder a essa dádiva. A graça desse toque sempre vem acompanhada de uma prova. Será que existe disponibilidade para transmitir o que foi recebido? O fogo que foi aceso no interior é forte o bastante para fornecer a energia para o passo seguinte, reconhecido como necessário?

ANALOGIA COM O CONTO *A DAMA HOLDA,* DOS IRMÃOS GRIMM Esse fato de sermos incessantemente postos à prova é apresentado concretamente no conto *A Dama Holda.* Compilada pelos irmãos Grimm, essa história – que, no fundo, é universal – é um autêntico conto iluminador, de despertar. Nela, aparecem interligados o despertar e o ato libertador. Vemos as duas filhas de uma viúva: a Donzela de Ouro e a Donzela de Pez, palavra que significa piche. Uma delas, a enteada, é uma bela e corajosa jovem; a outra, a verdadeira filha, é feia e preguiçosa. A corajosa é obrigada a fiar diariamente do lado de fora, perto de uma fonte, até os dedos sangrarem. Certo dia, sua roca lhe escapa das mãos e cai na nascente do poço. Aterrorizada com a possível reação da madrasta, ela joga-se dentro do poço a fim de recuperar a roca e acaba chegando a outro mundo, um mundo paradisíaco.

A Donzela de Ouro e a Donzela de Pez são dois aspectos sempre presentes em nós simultaneamente. Quando a Donzela de Pez atua em nós, nossa vontade é extremamente vacilante e indecisa, e nossas motivações, bastante egocêntricas. Não percebemos ainda os passos pequenos, porém importantes, a serem dados em nossa existência cotidiana, relativos à nossa disposição para servir. Quando a Donzela de Ouro está atuante, nossas

motivações são outras, e a compaixão nos anima. Com o coração pleno de amor, queremos distribuir pão em vez de pedras. Isso nos torna "belos" e nos leva a trabalhar até que nossas mãos sangrem. Estamos sempre nos esforçando para descobrir o melhor meio de chegarmos a uma "harmonia no intercâmbio de nossas atividades". Acumulamos experiências dolorosas, e nossa luta cotidiana nos faz sentir como se estivéssemos "no fundo do poço". Mas, certamente, não encontraremos neste mundo a verdadeira compaixão e o verdadeiro amor. Eles têm sua origem num nível de existência completamente diferente. Nesse outro mundo, que é o mundo da alma, é avaliada nossa chave vibratória, ou seja, nossa disponibilidade para corresponder ao chamado e servir.
As três provas que o outro mundo apresenta à Donzela de Ouro (e mais tarde à Donzela de Pez) carregam simbolismo profundo. Para começar, a Donzela de Ouro chega perto de um forno, e os pães a chamam e pedem: "Tire-nos daqui! Se você não fizer isso, queimaremos, pois estamos assados há muito tempo!" Diante do novo passo concreto a ser dado, quantas vezes já não nos perguntamos: "Será que isso está ao meu alcance? Estou preparado para essa tarefa?"Na perspectiva que é própria do eu, essas perguntas me atormentam. Mas, quando consigo deixar de lado essas perguntas que me limitam e avanço confiantemente, as dúvidas, as ideias de "bem" e de "mal" desaparecem. Tudo o que já amadureceu no nível da alma precisa ser utilizado! É unicamente nesse caso que a corrente de força se mantém e fica constante. Mais ainda: ela se torna inesgotável.



A segunda prova da Donzela de Ouro é a seguinte: uma macieira carregada de frutos pede para ser sacudida. Ela diz: "Todas as minhas maçãs estão maduras!" Em seguida, as maçãs precisam ser colocadas em uma única pilha. Isso é interessante. O que amadureceu no plano da alma não existe isoladamente: deve ser ajuntado, unido e reunido. Um grande número de elementos maduros é a garantia para um magnetismo poderoso, cheio de força. Tento imaginar, representando para mim mesmo a ação de empilhar as maçãs em um só monte. A única possibilidade é fazer um monte na forma de uma pirâmide! Quando um grande número de almas maduras se reúne, elas formam uma "pirâmide vinda de baixo" sobre a qual pode descer uma "pirâmide vinda do alto". Desse modo, uma corrente de força proveniente do mundo do Espírito pode derramar-se nesse campo especial de almas.

A PORTA DE SATURNO E chega a vez da terceira prova: a jovem corajosa encontra a Dama Holda, que, devido a seus longos dentes, logo de início lhe causa medo e pavor. Os grandes dentes da Dama lembram as grades da porta de Saturno. A Dama Holda é a deusa da morte e da renovação. Na Europa do Norte, o dia dos Reis Magos encerra um período de doze noites santas e é chamado de "o Dia da Dama Holda".

Tudo o que já amadureceu no nível da alma precisa ser utilizado! É unicamente nesse caso que a corrente de força se mantém

Uma vez passada a porta de Saturno, exige-se um modo de servir completamente diferente. A filha corajosa já não está a serviço da madrasta – o mundo da dialética – mas, sim, a serviço da pura matéria primordial. A cama, como lugar de repouso, é um belo símbolo para a restauração e a purificação que se tornaram possíveis, agora que os velhos impulsos estão mortos. À medida que esse trabalho é bem-sucedido, as plumas do edredom caem como flocos de neve sobre o mundo. Assim, o princípio vivificador do amor – a água purificadora – flui pelo coração de todos os que servem dessa maneira, envolvendo toda a humanidade e preenchendo todos os espaços.

Mas a alma que alcançou a maturidade ainda não chegou ao fim de seu caminho: ela está mergulhada em profunda tristeza e nostalgia! Contudo, lá no outro mundo, onde ela se encontra, tudo se realiza mil vezes melhor que na dialética.

A razão dessa tristeza é que a verdadeira tarefa – a tarefa de libertar a humanidade caída – ainda não foi concluída. Para tanto, o novo obreiro terá de unir o ideal à realidade – e deve fazê-lo muito concretamente. O que é espiritual terá de iniciar uma relação com a realidade, com a vida diária. Por isso observo que todas essas formas de trabalho realizadas no campo mundial trarão como consequência a purificação e a renovação das esferas astral e etérica, de onde o homem retira sua vitalidade. A disponibilidade da alma liberta para fazer esse autêntico sacrifício, que consiste em trabalhar bem no meio da lamaçal da natureza, produz a "chuva de ouro": é a consciência da alma-espírito, que ela acaba de receber. Recoberta por esse manto dourado totalmente novo, a alma poderá atuar de modo realmente criador e sanador em meio aos acontecimentos mundiais, mediante uma participação impessoal e, portanto, inteiramente espontânea e desinteressada, sem segundas intenções.

Tenho-me perguntado muitas vezes por que acho esse conto da Dama Holda fascinante. Será que criei uma bela imagem de acordo com minhas expectativas? Quero sempre compreender tudo! Meu "eu" quer receber um plano, um fio condutor. Ora, a alma não necessita de nenhum plano ou estratégia! Ela somente precisa de forças para dar um passo a mais.

Do conto da Dama Holda brota uma grande sabedoria, pois ele esclarece muitas coisas. A iluminação sempre pode acontecer. Mas não será uma experiência luminosa incomum, que explicita e aclara de repente, de um único golpe, todo o caminho de transformação. O caminho reto diante dos pés é sempre iluminado, contanto que haja real disposição do obreiro para dar o passo seguinte, transmitindo e traduzindo em atos o que ele recebeu ✪

piet mondrian, o pintor do vazio

Em sua obra mais tardia, o pintor holandês Piet Mondrian (1872–1944) atinge a abstração e, por meio dela, retorna aos elementos fundamentais de tudo o que dá forma: cor, forma, superfície, linha. Para tanto, ele expulsa de sua obra todas as imagens da realidade, todas as individualidades que possam ser identificadas, a fim de aproximar-se da "verdadeira" realidade. Ele quer restituir a realidade "pura" e constante da imagem sempre cambiante das formas naturais em manifestação.

Quem se interessa pela primeira vez por essa obra tardia de Piet Mondrian reconhece sua técnica pictórica, que tende a reduzir e a depurar tudo. Três retângulos estreitos – nas cores vermelho, azul e amarelo –, cinco superfícies e linhas de contorno pretas de uma só largura, com um triângulo preto! Será que isso se deve à arte da pintura? Parece tão simples! Os planos coloridos são impelidos para a borda. Meu olhar salta primeiro de um plano colorido para o plano seguinte. A composição não é estática ao olhar. Mas a rapidez dos movimentos vai se tornando mais lenta, pois o triângulo azul à esquerda bloqueia a ilusão do movimento de rotação. Em vez disso, tenho a impressão de um todo que respira calmamente. A linha vertical que segue à direita dá certa estabilidade e desperta, pela grande distância dos campos coloridos, uma impressão de grandeza e de tranquilidade. O centro da imagem contém nada mais que um plano branco único.

A maneira mais significativa de compreender a arte é, quando isso é possível, seguir o caminho que o próprio artista percorreu. Felizmente, os passos de Mondrian são perfeitamente evidentes, e suas pinturas de árvores estão quase no meio desse caminho de desenvolvimento. Sobre essa pintura, tenho o sentimento de que o tema "árvore", em especial, foi bastante aprofundado. Ele é "tateado" pelo pensamento até que uma imagem do objeto da imaginação do artista tome o lugar da realidade.

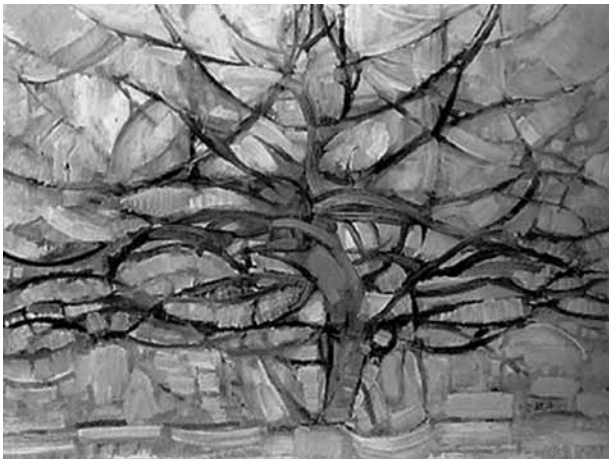
Um artista "naturalista" diria que uma árvore é constituída de um tronco, de certo número de galhos e de folhas. Mas Mondrian diz: não – a essência da árvore está nas forças naturais que fazem crescer uma forma viva desde o solo terrestre. São forças que cuidam para que essa forma se divida mil vezes e se expanda. Com o passar dos anos, Mondrian sempre pintou a mesma árvore. A árvore é seu símbolo e seu modelo. Ela representa a força vital, a natureza em seu todo: ela tem um valor universal.

"A árvore vermelha" de 1908 nos mostra o que cativa Mondrian. Tudo o fascina: o embaralhamento caótico dos galhos desnudos, o aspecto selvagem da natureza. É por isso que as tintas vermelhas e azul-marinho são aplicadas com pinceladas espessas, bem próximas umas das outras. A árvore e a paisagem se distinguem claramente: a ação do espaço nasce da cor, mas principalmente dos galhos que se entrecruzam. Na versão que Mondrian chama de "árvore cinzenta", o ângulo de visão é o mesmo, mas o motivo quase se dissolve completamente, e, da paisagem, nada resta senão um vago pressentimento. As cores reduzem-se a matizes pouco definidos. Sobre elas, domina uma nítida estrutura de linhas de força que ativam os espaços intermediários. É graças a essa estrutura de linhas de força que porções da figura se misturam com outras porções do plano de fundo. O quadro intitulado "Macieira em flor", de 1912, está ainda mais distante da realidade. A trama de linhas ainda possui mais fortemente esse

VICTORIE BOOGIE WOOGIE, PIET MONDRIAN 1942-44 © ANP PHOTO VALERIE KUYPERS





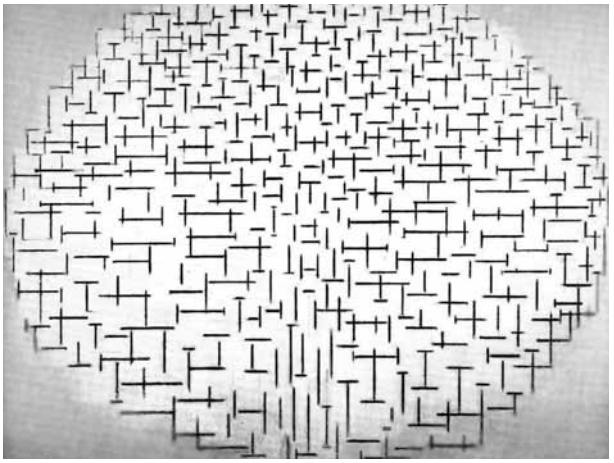


impacto de superfície e coloca-se a serviço da estruturação do plano da base: a figura e o plano de fundo se fundem. O esqueleto da árvore é retalhado em partes justapostas e transformado em pura dinâmica formal. Todo e qualquer interesse emocional pelo motivo "árvore" parece ter desaparecido.

Dois anos mais tarde, na *Composição n.° 6,* os dados naturais já foram completamente refutados. Em seu lugar, o que se torna o tema da representação é a ordem. A fina rede que agora é tecida reduz a multiplicidade das formas a uma geometria, e o que importa é o ângulo reto e os planos da base, pela equivalência de linhas e superfícies.

Nas pinturas de Mondrian, o processo evolutivo de abstração que aqui se torna visível corresponde à visão do mundo da Sociedade Teosófica, de cuja doutrina ele vai se aproximando cada vez mais e da qual ele se torna membro em 1909. Foi assim que ele organizou a plenitude sem limites da natureza até chegar à harmonia. Não se trata de deformá-la, mas sim de tentar estabelecer, cuidadosamente, as bases de um mundo ordenado – ou seja, de um mundo transformado em um cosmo. A realidade, que até então havia fornecido material para os pintores, agora deveria ser captada em sua própria existência. "Levei muito tempo para descobrir que a singularidade das formas e as cores da natureza evocam estados subjetivos do sentimento que obscurecem a verdade objetiva. A aparência das formas naturais muda, mas a realidade continua... O objetivo não é pintar outras cores e formas especiais, com todas as suas limitações, mas sim aspirar a uma unidade maior." Essa "unidade maior", que surge em sua obra tardia chamada *Composição n.° 2,* nos atrai principalmente por suas relações polares, mas vai ainda mais longe: cor primária/ausência de cor, cor/cor, longo/curto, largo/estreito, esquerda/direita, plano alto/plano baixo, frente/fundo. Essas oposições aparecem sempre em uma interação mútua e é assim que criam certo equilíbrio. "Todas as coisas fazem parte do todo: cada parte ganha um valor para o olhar, por causa do todo; e o todo também o recebe por causa das partes. Tudo consiste em relações de reciprocidade e interfaces. A cor somente existe em relação a outra cor. A dimensão se define por outra dimensão. E também não existe uma posição sem contraposição. É por isso que eu digo: o que é essencial é a relação."

"O essencial das relações é o que existe entre determinada coisa e outra. Eu compreendo que entre minha mão e o lápis existe uma relação quando estou escrevendo alguma coisa. Essa relação é tão evidente que esquecemos que ela existe. Todas as verdades se encontram em uma relação semelhante a essa que acabo de citar. O que é real não é o lápis nem a mão que o segura, mas é a relação entre os dois que descreve a única verdade que existe. A causa e o ato são um só fenômeno. É por isso que nada pode surgir sem que os



Piet Mondrian "The red tree" (1908), "The gray tree" (1911), Composition nbr. 10 (1915)
A árvore vermelha (1908), A árvore cinzenta (1911), Composição n. 10 (1915) - Gemeentemuseum, Haia

dois sejam um e estejam unidos verdadeiramente."

A equivalência ou o equilíbrio estável são expressos pela linha reta e surgem como escoramentos verticais e horizontais. De acordo com a opinião do filósofo holandês Schoenmakers, que exerceu grande influência sobre Mondrian e o movimento de vanguarda *De Stijl* (O estilo), o universo tem uma estrutura matemática. Já na Antiguidade as pessoas expressavam a harmonia por meio de relações numéricas e por figuras geométricas: quadrado, triângulo, círculo. Quando alguém quer expressar a harmonia do universo de maneira artística, tem de utilizar a geometria. Em Mondrian, essas linhas tornam-se a trama fundamental do quadro. A tensão harmoniza-se porque ele equilibra diversas formas opostas. Esse equilíbrio é assimétrico, não estático, dinâmico. As relações entre as dimensões fornecem um ritmo vivaz que exclui toda e qualquer uniformidade por reflexo, toda e qualquer simetria.
Entre essas linhas, o pintor aplica suas formas. Retângulos e quadrados surgem em modestas cores negras e brancas e em cores primárias – vermelho, azul e amarelo – que englobam a paleta de todas as cores. O espaço ocupado pelas cores ativas relaciona-se com o espaço vazio, incolor, em um intercâmbio harmonioso. Cores e formas – a aura de uma imagem – conduzem o observador a uma reação interior e, desse modo, tornam-se clichês tingidos de forma muito pessoal, que podem ser totalmente diferentes, quando ocorre uma próxima contemplação do mesmo quadro. Assim, o confronto do observador com o quadro mantém uma significação muito especial. O observador precisa ter a possibilidade de concentrar-se no quadro sem que lhe passe pela cabeça qualquer pensamento ou questionamento quanto a como o quadro foi feito ou o que pode ser reconhecido nele. Apaga-se qualquer lembrança de qualquer objeto. Somente a pura arte da pintura é que conta.
A assinatura individual do artista desaparece completamente: todas as questões que tratam do humor individual do artista no momento da criação estão totalmente ausentes. "É exatamente a ausência desses elementos no quadro, o vazio, que permite à pessoa que contempla ter um espaço livre para suas próprias experiências e seus próprios pensamentos. Quando alguém pinta algo que pode ser observado pelos sentidos, está expressando algo que é humano... quando não pinta objetos, deixa um espaço para o divino".

Tudo isso consiste em um imenso apelo à arte moderna, com suas formas abstratas (que já têm quase um século!): manter-se fiel a seu ponto de partida original – ou seja, tornar visível o que é espiritual, como uma força propulsora da matéria e para a matéria ✪

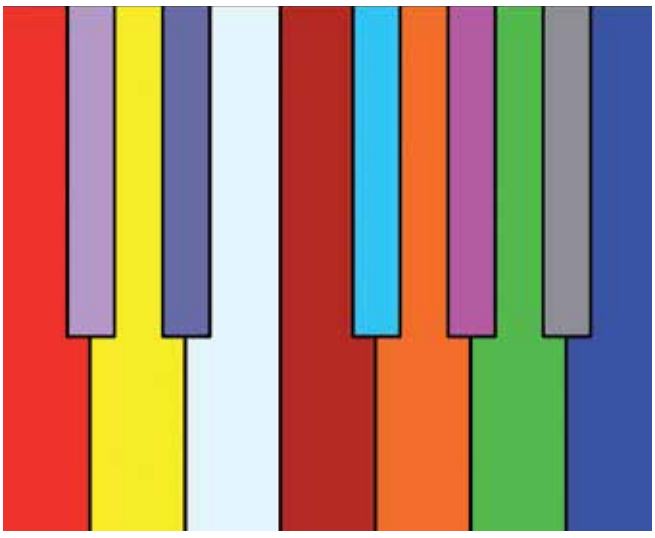
alexander scriabin, um artista universal

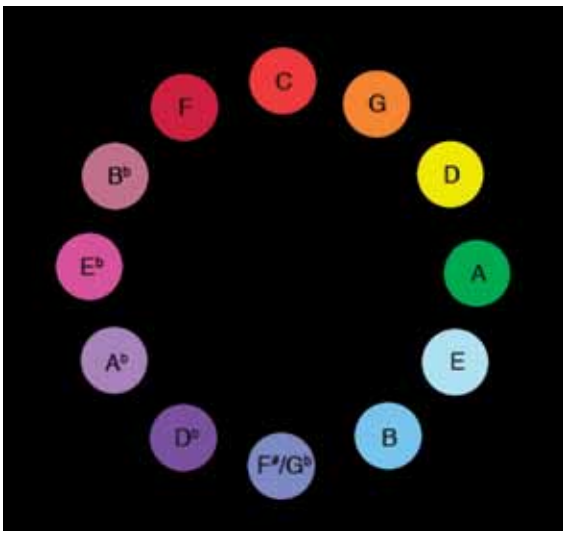
"A MÚSICA É UM CAMINHO DE REVELAÇÃO E UM PODEROSO MÉTODO DE CONHECIMENTO!"

Quando ouvi seu nome pela primeira vez – Scriabin – ainda não sabia que me interessaria bastante por ele e iria conhecê-lo de perto. Depois, um ano se passou, e seu nome acabou se ligando à minha vida de um modo muito especial. No começo, eu apenas queria despedir-me dele, rapidamente. Nosso encontro me fez descobrir os homens que ele estimava e amava: filósofos célebres, psicólogos e músicos sobre cujas ideias eu apenas passava os olhos. Diante dele as pessoas pareciam dividir-se. Algumas mostravam-se fanáticas; outras não o compreendiam e achavam sua obra caótica demais e muito ambiciosa. Outros nunca o entenderam ou mal o compreenderam. Isso me causou espanto e me fez refletir.

Então, tentei compreendê-lo melhor. Eu me perguntava: "Mas afinal, qual é seu mérito diante de Deus e dos homens?"

Participando de ardorosas discussões, eu ficava procurando um detalhe mais vigoroso para escrever algo a seu respeito. Isso não me deu nenhuma oportunidade de aproximar-me dele. No entanto, de repente, surgiu uma chance: em circunstâncias muito especiais, ouvi uma de suas obras musicais e logo tive a impressão de que deveria fazer anotações imediatamente.
Fiz a seguinte associação de ideias: Estou me sentindo atraída por ele somente porque seu nome me perturba como se fosse uma corrente de ar fresco – e também sua música me





comove como um mundo grandioso que vive, respira e se transforma perpetuamente, me atrai e me força a crescer. Fiquei muito tempo mergulhada nessa energia pura e elevada: banhei-me e deixei-me transportar por esse lago de amor. Sentia-me como se estivesse apaixonada! É maravilhoso vivenciar esse sentimento sem ter qualquer laço que nos prenda! Nesse mundo maravilhoso, surgiam pensamentos cheios de fogo que revoluteavam e se encontravam – pensamentos das mais variadas cores que nasciam e ligavam-se sob a forma de poemas, versos, presságios e novas criaturas.

É como se eles fossem chamas que se moviam em uma dança sem fim e se concretizassem a si mesmos. Parecia que eu podia colocar-me sob sua influência. Dentro de mim não havia nenhum constrangimento, nem hesitação. Não estava confusa com esse sentimento de amor dentro do coração. Da mesma forma, minha alma estava cheia de faíscas de fogo. Eu respirava com a chama, com o fogo, com a luz. Via planetas que nasciam e logo depois desapareciam. Estrelas que mudavam de forma, meteoritos que escolhiam novas trajetórias. Via o céu rindo e chorando. Eu me transformei em uma tranquila espectadora sobre a qual esses poderosos acontecimentos, essa transmutação celeste, provocava intenso anseio. Eu era esse anseio! Estava perturbada, profundamente ferida no coração, mas, felizmente, não sentia dor.

O mistério de Prometeu

Inspirado pelo livro *A Doutrina Secreta,* de H.P. Blavatsky, Scriabin compôs *Prometheus* (Prometeu), uma obra inovadora. No capítulo intitulado *Prometeu, o Titã,* Blavatsky explica a ligação existente entre o herói grego e a concepção hinduísta desse famoso "Portador do Fogo". Não se trata do roubo do fogo, mas sim do abrasamento da centelha-do-espírito do ser humano pelo fogo divino.

"Saibam que, por mim, é com Prometeu que surge a luz! Gostaria que fosse uma sinfonia do fogo, que a luz da sala pudesse transformar-se completamente: deveriam surgir línguas de fogo. Vejam como as chamas iluminam a sala e a música".

O mistério musical *Prometheus* é uma obra sinestésica (do grego *synesthesia,* syn = união, esthesia = sensação), que relaciona planos sensoriais diferentes: sabores com perfumes, sensações visuais com sensações táteis ou auditivas. *Prometheus, Le Poème de Feu* (Prometeu, O Poema do Fogo), 1910, uma obra para grande orquestra, piano e órgão, coro e piano colorido – é a criação mais importante de Scriabin. Essa obra exerce um influxo poético especial por meio de um acorde musical específico, o acorde-Prometeu ou o acorde-Pleroma, que simboliza a plenitude e a força de tudo o que É. A harmonia perfeita das seis notas do acorde-Prometeu pode ser considerada e vivenciada como a realização do princípio teosófico: *omnia in omnibus* ou "tudo em todos". O plano interior da obra tem como base o mistério da organização do mundo. É por isso que, nessa composição, ecoam vocalizações antigas de mistérios por meio de vozes humanas masculinas. É o ápice da obra de Scriabin, na qual ele expressa suas concepções místicas e filosóficas. Nessa composição, ele tentou concretizar a iluminação por meio da música, na qual ele via a realização de sua missão pessoal. Nos cinco últimos anos de vida, dedicou-se ao mistério de Prometeu, que lhe fazia ver, como objetivo final, a libertação do mundo da matéria. A execução dessa obra sinestésica tão grandiosa deveria durar uma semana e, no final, todos os habitantes da terra tomariam parte dela.

Ele queria construir um templo esférico nos contrafortes do Himalaia, na Índia, cuja forma mudasse de tempos em tempos. O compositor entrevia uma "arquitetura fluida": forma, dança, processo e música constituiriam uma sinfonia de alta qualidade, e sentenças sagradas se religariam à força de sua luminosa sonoridade. De acordo com Scriabin, os sete dias da criação abrangiam milhões de anos de evolução, e, no sétimo dia, haveria a apoteose universal. O mundo se transformaria em um lugar de felicidade e beatitude. Então, todos os seres humanos haveriam de transformar-se em novos seres, ligados novamente à eterna beleza divina.

Alexander Scriabin (1872-1915) viveu em uma época que foi chamada de "Idade de Prata". O poeta russo Andrew Bely escreveu a respeito dessa época: "Agora a arte assemelha-se a uma renovação da vida. A própria arte evoca uma vida renovada". Os artistas russos aspiravam à iluminação. Por meio de suas obras e lutas pessoais, eles davam forma ao profundo anseio dos homens. Alexander Scriabin era um artista dessa estirpe: compositor e filósofo, foi o primeiro a criar uma arte musical totalmente "sinestésica". Hoje, diríamos que era uma atuação multimídia em que sons, cores, formas e movimentos se unem para formar um grandioso conjunto. A música, assim como uma chama, incendiava o gênio de Scriabin. Ele viveu e manifestou a iluminação sob a forma de sonoridades luminosas. Scriabin afirmou: "A música é um caminho de revelação. Vocês não imaginam como ela pode ser um poderoso método de conhecimento. Se soubessem o quanto compreendi graças à música! Tudo o que penso e digo agora – tudo conheço graças à minha arte."



Alexander Scriabin (1872–1915)

Quem era esse homem, que criava, dessa maneira, em forma de música, a partir do caos, tantos pensamentos, seres, planetas? Que os fazia dançar e permitia que as maravilhas da criação pudessem ser tocadas? E como ele conseguia continuar humilde quando, nas profundezas de seu ser, descobria esses fenômenos tão fantásticos? Será que ele conseguiria resistir à tentação? Será que conseguiria proteger-se da cegueira reconhecendo ser apenas um instrumento genial nas mãos de Deus, sem considerar-se o criador dessas coisas, sem achar (graças a Deus!) ser ele próprio esse sublime impulso criador? Considerei sua obra tão grande, tão poderosa, seus pensamentos pareciam ser tão ardentes, suas ideias tão sublimes! Parecia quase impossível que um homem não pudesse perder-se nessas visões tão elevadas, que não se identificasse com elas. Será que esse homem, Alexander Scriabin, era feliz? Eu não conseguia fazer nenhum julgamento a esse respeito ✪

iluminação para *gamers*

DO *LAST LIFE* PARA A VIDA REAL

O QUE VOCÊS MAIS GOSTARIAM DE SABER? Se vocês estão entre os que já ouviram dizer que o computador, a internet e tudo o que a eles está ligado são suspeitos e devem ser olhados com certo distanciamento, que eles são responsáveis pelo declínio moral, pelo desvio da juventude, pela ruína do Ocidente que breve acontecerá, e que os consideram invenções diabólicas, então, por favor, não se lamentem mais.
É possível que vocês se reconheçam até certo ponto no texto seguinte, pois talvez agora possamos expressar os assuntos espirituais de um modo não habitual. E todos os que não se cansam de ouvir que a internet, sua ferramenta de trabalho e seu *hobby,* é apenas uma mercadoria moderna e uma montanha-russa para a perdição, poderão perceber – quem sabe para sua grande satisfação – que os assuntos espirituais podem ser expressos de forma não usual. Talvez este artigo contribua para uma compreensão diferente, pois os termos técnicos mais importantes serão com certeza explicados.

LAST LIFE O autor é fanático por computador há uma dezena de anos e até onde se sabe não sofreu danos. Neste momento ele alcançou o nível 80 do jogo *World of Warcraft.*
Jogo o *Last Life* desde que me entendo por gente. E cada vez jogo até enjoar. Admitamos, as estruturas (texturas)[1] e os efeitos de luz não são ruins, e os *lags*[2] são curtos. Mas a busca[3] é monótona e cansativa, as recompensas são medíocres, e a expressão de inteligência artificial dos NPCs[4] decepciona sempre. Sou praticamente o único dessa opinião. Muitos dos meus companheiros de jogo jogam com entusiasmo, ardorosamente, como possuídos por uma paixão secreta. Eles sempre escolhem as mesmas provas nos mesmos níveis do jogo. Encontram sempre os mesmos obstáculos, os mesmos adversários, que enfrentam com uma porção de estratégias organizadas com grande cuidado. A recompensa de seus esforços (que eles não percebem como tal, mas como um objetivo existencial, eu diria mesmo como direito de existir) são algumas moedas coletadas, peças para seu equipamento e todo tipo de bugigangas pelas quais podemos despender mais alguns trocados com o vendedor de NPC. Recebe-se do doador da missão recompensas pelas ações bem sucedidas e aumento de prestígio nesse ou naquele grupo, bem como pontos por alcançar o primeiro lugar. Quando um *gamer* obtém o máximo de pontos, ele passa para um novo nível. Ele se "eleva", se assim podemos dizer.
Com cada nova vida se podem obter novas aptidões, talentos, ou melhorar o que já se tem; pode-se utilizar equipamentos de primeira classe cada vez mais satisfatórios para o momento, depois a montanha-russa sem fim dos combates, a busca e a coleta de materiais e a produção ulterior de um objeto um pouco mais depressa, mais bonito e mais eficaz para colocar em ação. E em seguida o mesmo, *ad infinitum.*

Sinto-me prisioneiro e despojado de minha força vital: sobrecarregado e sem boa companhia, assim como meus companheiros



Estou entre os melhores no *Last Life*. Alcancei o mais alto nível há muito tempo, após haver maximizado minha agilidade, meus talentos e minha reputação diante dos grupos mais importantes para mim. Possuo um armamento, uma frota aérea, uma frota de veículos terrestres como nos tempos antigos. E evidentemente também uma grande quantidade de ouro. Pelos ataques[5] da minha corporação,[6] sou muito estimado pelo grupo.
Mas, apesar disso, não consigo escapar do sentimento de que tudo isso é oco e vazio. Não pela falta de conteúdo de um ou outro desafio. Sinto isso bem antes de minha vitória; nem pela ausência de mudança – os programadores sempre apresentam novos elementos e fazem o melhor para que o *Last Life* permaneça fascinante.

SEM PROPÓSITO, OBJETIVO E FINALIDADE

Certamente, o *Last Life* continua sempre fascinante, mas, na verdade, isso traz um sentimento de frustração. A promessa sempre é feita, porém é repetitiva e irreal: trata-se de um novo modelo, novos tipos, nova qualidade e um novo nível mais alto, mais longe, mais distante, mais rápido, sempre mais, mas somente "sempre a mesma coisa"!
Com todos os servidores[7] acontece a mesma coisa: o *gamer* permanece preso ao carrossel que vai mais alto, mais longe, mais rápido, e a maioria deles não nota o quanto essa rotina é desanimadora, despojada de sentido, despojada de alma.

Esse jogo não tem em si mesmo um sentido profundo, um objetivo, uma finalidade. Muitos *gamers* estão totalmente mergulhados nele e se satisfazem com a contínua busca de vitórias, de sucessos, de desempenhos que absorvem totalmente seu espírito. Os que alcançam tudo que é esperado no jogo arrogantemente se deliciam com suas vitórias sistemáticas. Mas quem, como eu, chega ao limite, é forçado a reconhecer que estava exatamente dando voltas indefinidamente e sem razão. Somos seduzidos por um deserto monótono em que nem cor nem o menor sinal de vida vêm alegrar o horizonte morno dos triunfos fáceis. A poeira me seca a garganta e quero gritar aos céus e maldizer a terra pela tortura da monotonia, sem nem mesmo saber por que eu mereci vivê-la.

Nesse jogo, nem mesmo a morte traz paz ou libertação: o *gamer* pode perder todos os pontos e "morrer", mas ele volta rapidamente à vida e retoma a ação no lugar em que havia parado. Assim, o velho sonho da imortalidade é realizado, mas como uma pobre e desgastada farsa, que tem o rosto triste do implacável e infinito "sempre a mesma coisa". Os servidores (é o cúmulo da ironia chamá-los de servidores) tornaram-se para mim, portanto, como labirintos onde sou prisioneiro e onde os programadores são meus carcereiros. Esses últimos ficariam certamente surpresos e ofendidos se eu encontrasse uma saída e os fizesse saber disso. Afinal, eles nada fazem senão o que sabem e se espera deles. E o fazem bem feito. Mas isso não muda nada. Sinto-me prisioneiro e despojado de minha força vital: sobrecarregado e sem boa companhia, assim como meus companheiros, com os quais, além do mais, não posso discutir. Tentei bastante, mas desisti depressa. Eles não compreendem, eles acham que eu proponho condições muito elevadas, que sou alguém muito sentimental, ou que não penso direito.

UM LUGAR SEM CONTRASTES Depois que acontece isso, vou para onde não há nenhum *gamer* e, sozinho, entrego-me a meus sonhos preferidos. Não são sonhos em que vejo acontecimentos concretos, sensíveis. São mais inspirações sutis apenas sensíveis, sem palavras nem imagens. De onde vêm? Não sei dizer.

À medida que o tempo passa essas doces inspirações tornam-se mais evidentes. Não é sempre que encontro palavras ou imagens para dar uma ideia mais clara. Esse sentimento se traduz, em minha consciência, em imagens que compreendo: o sonho de um servidor *downtime*[8] sem limitação de nível, de fato sem limite, em que ninguém precisa perder para que outro ganhe; onde não se aplica a melhor regra, mas em que cada um é o melhor simplesmente porque cada um é percebido como um ser único e apreciado como tal; em que nenhuma luta ou conflito existe porque as coisas são como são; em que nada precisa desapa-

Eu me desconectei. Então, tudo se tornou diferente, novo

recer para deixar outra coisa aparecer; em que cada alegria traz em si mesma a semente do que deve seguir; em que tudo é atravessado e irradiado de um significado de grande valor e profunda realização.

Nesse ínterim, esse desejo tornou-se para mim mais importante que tudo. As diferentes ocupações que sempre tive anteriormente com o *Last Life* desapareceram; após uma eternidade eu as terminei. Em grande parte, estou livre de meus companheiros. Antes eu era um convidado estimado que, agora, de repente tomou outro caminho. Temos sempre mantido contato e sempre nos falamos, mas é por hábito e por simpatia, como um ritual. Transformei-me em um estranho no meio de meus amigos, sozinho com meus sentimentos; alguém que parece indiferente a tudo, exceto para esse "único" que lhe faz falta, embora ele nunca o tenha visto e que, na verdade, jamais lhe deveria fazer falta, porque ele sequer o conhece... Surge-me então a ideia, que me parece curiosa, de que interiormente sou suspeito. Afinal, como posso dizer que sinto falta de algo que não conheço?

EFEITO REFLETOR E no momento exato em que começo a preocupar-me com meu estado mental, recebo, de repente, uma carta. Também isso acontece no *Last Life.* A carta não é nem longa nem extraordinária. No campo do remetente há apenas uma palavra: "Amigos". E isso muda tudo para mim. Essa carta me informa em poucas sentenças e sem rodeios que, no mundo do jogo do *Last Life,* a consciência do personagem do jogo é apenas o reflexo da verdadeira consciência do *gamer.* Enquanto a verdadeira consciência está orientada unicamente para as ações do *gamer,* é como se ela fosse prisioneira e não tivesse nenhuma ideia de sua verdadeira natureza nem do resto do mundo. É por isso que, no mundo do *Last Life,* ela não pode corresponder nem à sua verdadeira natureza nem à sua verdadeira vocação.

Para a maioria dos *gamers,* a consciência original está completamente encoberta ou suprimida pela consciência de seu personagem no jogo e pelo *gamer* que controla esse personagem. No entanto, quando finalmente nos cansarmos do vazio radical e da repetição sem fim do jogo, poderá surgir um espaço livre na consciência. Esse espaço está inteiramente ocupado pelos sentimentos que deviam ir cada vez mais alto, mais longe, mais depressa... Ora, nesse espaço livre, certas intuições tornam-se marcantes - como as que me libertaram totalmente da única realidade que sempre conheci.

Essas intuições me atingiram como uma trovoada. Tudo o que eu julgava saber, tudo o que, ao que parece, eu tinha considerado como "verdade absoluta" e "importante" se dissipou diante de meu olhar interior, como acontece depois de uma explosão silenciosa.

Então, fiz algo que até o presente momento jamais poderia ter imaginado, porque jamais estivera consciente de que isso pudesse ser feito: eu me desconectei!
E aí tudo se tornou diferente, novo. Olhos que já não eram os meus se abriram. Agora, contemplo um mundo muito diferente do que eu conhecia, mas apesar disso era tão diferente quanto o original é de sua imitação. É uma consciência tão diferente que, comparada a ela, a minha é como um átomo comparado ao sol. E quem vê esse mundo por meio de novos olhos reconhece-o como verdadeiro, sente-se em casa e está em unidade com ele.

Nesse mundo eu vejo que eu sou sempre eu, mas que estou unido à totalidade de todas as coisas. Tudo está em todos, todos são unos com todos, e eu faço parte disso! É assim que sempre foi e sempre será.

Após um período infinito em que simplesmente e com grande surpresa contemplei esse mundo maravilhoso, fiz a única coisa que eu sabia que podia fazer: eu me reconectei!
Não posso simplesmente renunciar ao servidor. Afinal, ainda existem *gamers* que não sabem quem eles são de fato. Mas o servidor e os *gamers* já não me prendem. Eu me sirvo do servidor, mas já não estou subordinado a ele ✪

1. Textura: padrão repetitivo sobre o qual o computador calcula uma estrutura para reproduzir a impressão de um objeto espacial. Há estruturas para madeira, pedra, pele, água corrente.
2. Lag: pausas forçadas durante o jogo devido à lentidão na conexão de rede ou, nos casos mais graves, por desconexão.
3. Busca: missão e viagem de um cavaleiro da Távola Redonda. Aqui o jogador se refere à missão que o *gamer* recebe de um NPC.
4. NPC (non playing character): figuras virtuais criadas durante o jogo com as quais o *gamer* entra em interação. Os NPCs podem ser mercadores, treinadores de agilidade, mercenários, estalajadeiros etc.
5. Ataques: incursões empreendidas por grupos de *gamers* bem armados e experientes em qualquer lugar de um domínio controlado por adversários muito fortes. A experiência adquirida é importante, e os objetos desse domínio são valiosos e muito cobiçados.
6. Corporação: união entre *gamers* que se ajudam mutuamente, por exemplo na execução de um ataque.
7. Servidor: computador de ponta e tecnicamente especial que compartilha pela internet grande quantidade de dados com muitos outros computadores na maior velocidade possível. Ele "serve", por assim dizer.
8. Downtime: tempo durante o qual o servidor não funciona, ou porque caiu ou porque está sendo aguardado.



a **nova palavra**

Alocução pronunciada no simpósio "A escola da sabedoria da vida", em 27 de novembro de 2010, em Renova, por Frank Spakman.

A vida é bela.
A vida é cruel.
Como pode a beleza, por mais transitória que seja, tocar-nos tão profundamente, emocionar-nos e maravilhar-nos, tantas vezes? Que energia estará oculta por detrás da beleza da vida?
Estaria a beleza ligada à sabedoria e a crueldade não? Será que a sabedoria da vida se esforça para expressar-se por meio da beleza porque sua harmonia fundamental não conhece nem lutas, nem vingança, nem crueldade?
Por que a crueldade seria necessária na vida, justamente agora?
Será que existe sabedoria em uma vida cruel?
... E o extermínio? Seria um mal necessário, como sugerem, por exemplo, o Antigo Testamento, e também Vishnu e Alá?
... E o que será que a pretensa sabedoria da crueldade da vida poderá ensinar-nos de verdadeiro?
... Conforme as estações vão passando, na natureza, vemos uma série de harmonias parar de existir. Muitas vezes desaparecem no auge de sua beleza. Basta pensar nas folhas, cujas cores se desbotam no outono e depois caem e se decompõem. Depois da harmonia, vêm a crueldade e o aniquilamento. A tempestade sacode os galhos, arranca-os e não se importa que o bosque morra.
O que devemos pensar das vítimas das catástrofes naturais? E das técnicas cada vez mais refinadas para caçar todos os tipos de animais ou para escapar deles?
Mas essas são brincadeiras infantis ao lado da crueldade que os homens se permitem entre si e contra os animais.
A beleza que existe em meio aos sofrimentos, violências e crueldades não seria, acima de tudo, um frágil e temporário consolo?
É que a experiência do sofrimento, da crueldade e da violência pode levar-nos ao desespero, e a alma já não pode suportar tudo isso, como testemunha o seguinte poema:

Já não suporto a tristeza,
nem os rostos banhados de lágrimas,
nem as mais terríveis dores humanas,
nem aliviar os efeitos do mal.
Também já não consigo consolar os
desanimados, sempre vítimas de difamação.
Também já não suporto escutar os
que lamentam ser vítimas de traição.

Ó alma, abre meus olhos!
Mostra-me piedade sem lágrimas,
e envolve-me com amor
e grande paciência.

Em que consiste, realmente, a sabedoria ligada à beleza? Será essa a beleza silenciosa, intocável, a beleza intangível que já não pode ser compartilhada? Que, radiante, se mantém distanciada de seu contexto? Quem cria o distanciamento: o respeito ou a autoridade natural?
Será que a sabedoria permanece conservada na beleza? Onde reside a sabedoria da vida, e onde se pode aprendê-la?



Quando permanecemos tranquilos, criamos harmonia ao nosso redor. Quando estamos inquietos, então surge a devastação ao nosso redor. Por isso, a condição para que haja beleza é a completa tranquilidade e paz interior. Conhecer essa condição e agir de acordo com ela, compreendendo e seguindo cada vez mais a voz interior: é nisso que consiste a sabedoria. Muitos conhecem essa condição e anseiam pela paz que não pode ser compreendida pela inteligência nem alimentada pelos sentidos. Eles a desejam como uma posse interior. Eles sabem que essa posse não está à venda. Afinal, a beleza não conserva a sabedoria: na verdade, ela mostra seu esplendor com base na sabedoria. Essa sabedoria, na qualidade de posse interior e de fonte, é como um oceano.

"O Verbo [a palavra de Deus] é o oceano, vós, as nuvens", diz Mirdad.[1] A palavra de Deus, a nova palavra, "é um cadinho. O que ele cria, ele derrete e funde em um, nada aceitando como valioso, nada rejeitando como sem valor." Qual é a sonoridade dessa nova palavra? Ela é fresca e transparente; e Mirdad recomenda que se busque o conhecimento dessa palavra.
Qual é o ritmo da nova palavra? Esse ritmo é o de uma dança, porque a vida participa desse ritmo.
É o Verbo vivente que turbilhona, através das coordenadas do espaço e tempo, a vibração intangível que coalesce, às vezes, numa beleza perceptível. São qualidades que não se deixam captar, mas que sempre se oferecem ao ser humano.
Essa sabedoria da vida, essa sabedoria plena, deve voltar-se para sua origem.
Na verdade, essa sabedoria se esforça para incitar-nos a ir até sua fonte – e, se deixarmos que ela penetre em nossa consciência pela atração que exerce através de sua beleza em olhos que veem e ouvidos que ouvem, não poderemos resistir. Então, seduzidos pela beleza, aspiraremos pela sabedoria.
Assim vista e entendida, a filosofia não é uma necessidade intelectual ou mental, nem a arte aguçada do raciocínio, porque a verdadeira filosofia não tem necessidade de erudição, nem nenhum tipo de educação mental. Em tal plenitude e beleza, a própria vida pode levar-nos a desejar a unidade. E assim, por causa dessa beleza e navegando conforme a bússola de nosso anseio puro, aproximamo-nos da fonte interior da sabedoria e do conhecimento do caminho que precisa ser aberto: a Gnosis, simples e plena de equilíbrio, que, com uma força estimulante, nos impulsiona para uma transformação.
É uma beleza que dispensa e supera distâncias ao invés de criá-las.
É a sabedoria que tudo unifica pela nova palavra e nos convida para as "núpcias alquímicas", para a união, a "unificação".

1 Naimy, M. *O livro de Mirdad*. 5. ed. Jarinu: Editora Rosacruz, 2005. cap.V.



© ELLY BOOI

O que o Verbo cria, ele "derrete e funde em um", diz Mirdad sobre a nova palavra. Muitas palavras já não representam nada de novo e forte porque, devido a seu uso frequente, seu significado e conteúdo se desgastaram e desvalorizaram. Há, por assim dizer, uma inflação do significado, por exemplo, da palavra "verdade" ou da palavra "sabedoria". Podemos acrescentar os resultados de muitas pesquisas segundo as quais a verdade, a sabedoria, a bondade, e assim por diante, não têm existência objetiva. Da mesma forma que a beleza, elas murcham, e já não temos um ponto de apoio para encontrar a sabedoria interior, o caminho que conduz à fonte, a essa fonte interior oceânica. O firme conhecimento desses conceitos quase se dissolve na renovação reverberante da palavra, que é a *Gnosis*. Entretanto, quando nos referimos e recorremos às palavras verdade, sabedoria, bondade, estamos falando da verdade absoluta, da sabedoria absoluta e da bondade absoluta. Pelo uso da palavra "absoluto" esses termos já não são desvalorizados pela força da cultura nem submissos à "inflação" do significado. Mas a própria vida nos oferece a experiência e a sabedoria necessárias para o caminho interior. Nenhum conceito exterior absoluto nos levará à interiorização, nem fará que adquiramos nossa real posse interior. Portanto, o caminho que vai do exterior para o conhecimento interior precisa da nova palavra. É ela que faz a compreensão agir diretamente no nível desejado e torna possível o agir, a transformação.

A característica essencial da nova palavra é o valor de sua irradiação.

Ela irradia em um tempo que não pode ser medido. Isso não significa que ela não tenha valor, ela apenas não tem um valor temporal! Uma de suas particularidades é que essa nova força gnóstica penetra facilmente em nosso sistema, pois ela é, em nós, o fator de uma transformação, de uma mudança energética, de um suave processo ígneo. É um estímulo que ultrapassa obstáculos e é capaz de acender uma chama.

Mesmo de posse de toda a sabedoria deste mundo, com nossa linguagem figurada erudita, não conseguimos descrever nem articular a nova palavra. É impossível acender o fogo da nova palavra! Mas será que não existe um ponto de partida, uma orientação fundamental da sabedoria interior? Por exemplo, a consciência, a alma, a centelha-do-espírito?

Mas essas também são palavras que, com o passar do tempo, se desgastam, perdem o valor, a força, e suas imagens mentais são novamente apagadas pela vida cotidiana comum. Provavelmente também vivemos num período no qual o significado e a vitalidade das palavras se desgastam mais rápido do que nunca. O estardalhaço da mídia é cada vez mais rápido e cheio de impetuosidade. Nossas vivências logo se enfraquecem e acabamos nos perguntando: "Para onde estamos deixando que nos levem?"

Qual será a condição para descobrir a nova palavra, a palavra incomensurável? Como ela haverá de entrar em nosso ser filosófico cheio de aspirações?

Precisamos esquecer-nos de nós mesmos. E, para alguém conseguir esquecer-se de si mesmo, precisa ser ele mesmo! Quando nos emocionamos e nos encantamos, quando fazemos alguma coisa para os outros, quando, em nosso trabalho, desistimos de imprimir nosso narcisismo, avidez e ganância e já não sentimos o impulso de firmar nossa própria posição e poder, então a força turbilhonante que é a vida verdadeira já não encontra nenhuma resistência em nosso sistema.

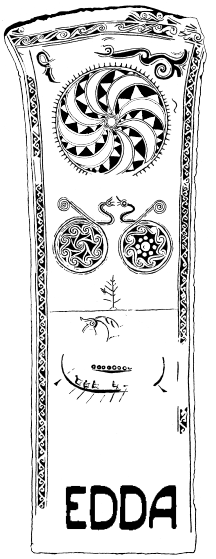
Sim, nesse momento a nova palavra nos penetra, e a nova vida impregna nosso microcosmo como vibração de sabedoria e o eleva a um novo nível, no qual a transformação se torna possível. Quando somos tocados, passamos por um processo de fusão.

Para Mirdad é necessário que, graças à nova palavra, nos incorporemos em uma nova unidade. Quando ficamos impressionados ou comovidos, tornamo-nos um tanto confusos. E, por estarmos alterados, esquecemo-nos de nós mesmos. Essa é a sabedoria da vida. Somos apenas uma gota no oceano da sabedoria! O que importa é ser nós mesmos e não mergulhar nesse oceano de lágrimas e comoção. Pelo contrário, é preciso deixar que a nova palavra realize seu trabalho em nós, equilibradamente, dia após dia. Para isso, é preciso ser firme e perseverante. Precisamos lembrar-nos bem disso!

Não devemos ter medo de que essa seja mais uma lastimável tentativa egocêntrica. Afinal, vivemos com base na consciência da alma e já não temos nenhuma necessidade de ter, possuir, manter. Somos apenas nós mesmos! Podemos fazer uma comparação com a música: ela pode tocar-nos e emocionar-nos. Podemos conhecer alguns compassos dessa música, e nesse momento a melodia e o som significam para nós a dança da vida. Mas não queremos agarrá-la ou possui-la, conservá-la para nós ou cristalizá-la. Afinal, sabemos que isso é impossível e sem sentido.

O valor não consiste em uma qualidade palpável. O que vale são os momentos em que ousamos ser nós mesmos e nos quais reconhecemos o processo da fusão da nova união e abrimos a possibilidade para que esse processo aconteça.

É assim que a nova palavra opera e sempre operou. Esse é o verdadeiro objetivo da vida. A nova palavra é, na verdade, muito antiga. Afinal, é impossível medir seu tempo. Ela é atemporal – mesmo que seja o Verbo vivente no "aqui e agora" ✪



Inúmeros mitos foram-nos transmitidos por civilizações dos períodos mais diversos. Eles revelam concepções da antiga humanidade sobre o aparecimento do mundo, sobre a atividade das forças naturais, sobre os deuses, e sobre o nosso destino após a morte.

a árvore do mundo

No número anterior, citamos o versículo 2 do cântico da *Edda:*

Lembro-me dos gigantes do princípio
que em tempos longíquos me deram vida.

E Völuspá, a vidente, prossegue:

De nove mundos me recordo,
nove moradas na árvore do mundo
de raízes poderosas sob a terra.

Em uma revista **Pentagrama** anterior (n.° 5, 2010), escrevemos: "Os mitos reunidos na *Edda* falam sobre os mistérios do desenvolvimento do mundo". Eles descrevem o grande (macrocosmo) e o pequeno mundo (microcosmo). Nesses versículos, a vidente dá-nos uma visão. Ela contempla os nove mundos em formação e os nove ramos da árvore do mundo da evolução humana: o freixo primordial, Iggdrasil, na mitologia nórdica. Essa árvore do mundo é um reflexo cosmológico do universo. Simboliza o ponto central atemporal e eterno do mundo; carrega e sustenta o universo; mantém a coesão do mundo. Reflete tanto uma estrutura espiritual como um impulso que visa a uma evolução.

Os nove mundos ou nove moradas dão uma imagem da edificação nônupla da criação que se reflete no homem: o homem nônuplo de outrora. Nove níveis de consciência em desenvolvimento estão diante de nós: os três vezes três aspectos do corpo, da alma e do espírito, em estreita relação. No corpo, falam a alma e o espírito. Na alma, exprimem-se igualmente o corpo e o espírito. No espírito, a alma e o corpo se revelam.

OS RAMOS DE IGGDRASIL Uma prova disso nos dão os ramos de Iggdrasil, que se estendem pelo mundo inteiro e atingem o firmamento! A coroa da árvore (espiritual) é Asgard, a morada dos deuses. É o cosmo dos æsires, os deuses que vivem na luz. O princípio supremo, eterno e espiritual é Gimlé, a aurora nascente. Quando Asgard for um dia destruída pelo Ragnarök – o ponto de reversão na história – é Gimlé que tornará possível a renovação. Sobre Bifröst, a ponte dos æsires ou a ponte do arco-íris que interliga o mundo dos deuses e o dos homens, monta guarda Heimdall, o æsir branco, a figura luminosa com espada e chifre. Os homens chamam essa ponte de "arco-íris". Essa é uma esfera específica da alma, que liga o "que está em cima" ao "que está embaixo", céu e terra.

A árvore do mundo da mitologia nórdica possui visivelmente muitas características do freixo (ou teixo). O freixo nunca perde suas folhas verdes e, por isso, era considerado sagrado. Além disso, ele emite um gás que, em tempos quentes, pode provocar alucinações no ser humano. Sua longevidade é grande. Na Escócia, foi encontrado um freixo de dois mil anos. Ele também é muito utilizado em rituais xamânicos, uma vez que sua seiva pode causar experiências de morte iminente. Depois de ficar dependurado durante nove dias na árvore, Odin recebeu a sabedoria e a inteligência das runas. Mas para isso ele teve de sacrificar um olho.

Essa ponte parece indestrutível, mas se dissolve logo após um período de desenvolvimento. Assim como os ramos, as raízes de Iggdrasil também se estendem e abarcam o mundo inteiro. Há três raízes. É na base de uma delas (a que conduz até os æsires, os deuses) que vivem os homens. A morada dos homens chama-se Midgard, o mundo intermediário. Esse lugar é cercado por um círculo externo: Utgard, o reino dos gigantes de gelo, que são inimigos dos æsires. Todos os reinos habitados são cercados pela serpente de Midgard, Jormungard, que corresponde à serpente Ouroboro. Ela é o equivalente simbólico da serpente cósmica cundalini, que envolve o mundo dos homens como um anel cósmico. Ela cresce indefinidamente, mas continua adormecida, como a serpente Ouroboro, até que eclode a grandiosa luta final contra os deuses. Então, a serpente desenrola-se e revela o lado destrutivo de sua natureza dupla.
No local onde moram os homens se encontra a fonte de Urd. Também é aí que os deuses se reúnem todos os dias. É a fonte do destino, a fonte das três Nornas: Urd, Skuld e Verdandi. As três reúnem-se ao redor do berço de cada recém-nascido e transmitem-lhe seu destino. Entre outras tarefas, devem regar diariamente a árvore com a água curadora e conservá-la sempre verde. Como relata um dos cânticos da *Edda:* "o freixo Iggdrasil suporta mais injustiças do que os homens imaginam".

AS RAÍZES DA ÁRVORE Os seres humanos realizam suas atividades na polaridade das forças "de cima" e "de baixo". O que lhes acontece após a morte é determinado pelo seu próprio comportamento durante a vida. Os guerreiros que morreram com glória em combate são levados por Odin ao Valhalla, o salão dos caídos, que fica em Asgard. Aí eles se exercitam no combate e podem cavalgar de vez em quando, sob a direção de Odin, para o mundo dos homens, a fim de participar da "caçada selvagem". No entanto, a alma dos que morriam de outra maneira ia para Hellheim ou Hellgard, que é, na mitologia nórdica, o "mundo inferior", o reino da deusa dos mortos, Hel. Esse reino fica sob a segunda raiz de Iggdrasil, onde serpentes roem a árvore, e também vive o demônio devorador de cadáveres, o dragão Nidogue.
É debaixo das raízes que, a partir de uma fonte, salta uma água glacial que empurra para longe todos os que não podem ou já não querem viver. Ao mesmo tempo, essa corrente mortal cuida da renovação, uma vez que, inevitavelmente, leva embora as forças mortais, as limitações e os obstáculos. É assim que ela purifica essas regiões, tendo em vista um novo crescimento.
Por fim, perto da terceira raiz se encontra a fonte do gigante Mimir, o guardião da fonte da sabedoria, da razão, da memória. Ele mata a sede todos os dias na fonte da sabedoria. Por isso, é tido como a mais sábia de todas as entidades imateriais: o próprio Odin (Wotan) lhe pede conselho com frequência. A esfera de Mimir é comparável ao conceito que o esoterismo atual conhece como "o banco psi" ou "a



Representação do século 19 do freixo do mundo, Iggdrasil. Johann Wilhelm Heine, 1886

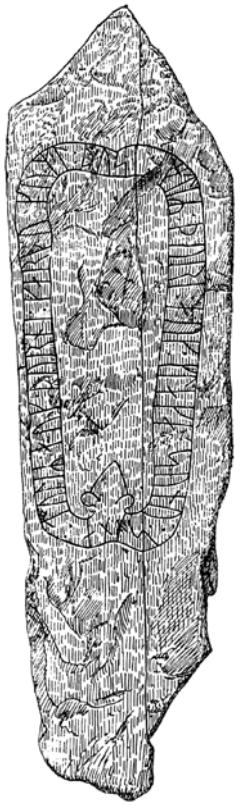
crônica do Akasha" da tradição oriental: trata-se de uma vibrante rede de energia dentro da qual tudo e todos são conectados regularmente. Nessa "rede" nada se perde: experiências, acontecimentos, pensamentos, atos de todos e de cada um são aí armazenados e ficam à disposição de todos os que querem passar os olhos nela e são suficientemente puros, sem preconceito e cheios de amor. É interessante notar que o próprio Odin, ao pedir para beber um gole da fonte da sabedoria, tem de sacrificar um olho a Mimir.

As três Nornas

A fonte original, a fonte do destino, encontra-se ao pé da árvore Iggdrasil, escondida nas profundezas do subconsciente de cada homem. É nela que residem três mulheres sábias – as três Nornas, Urd, Verdandi e Skuld.
Urd significa "origem", e sua ação estende-se desde o passado remoto até o presente. Verdandi é "o que há de vir, o vir-a-ser", e Skuld determina o destino atual do homem. As deusas do destino tecem os fios do tempo e ligam passado, presente e futuro.
Enquanto o homem não tinha consciência de si mesmo, o tempo não existia para ele. Tudo era "o presente". Ask e Embla, o primeiro casal de seres humanos da natureza que Odin encontrou "na margem", eram "desprovidos de força".
Sem a sensação do tempo e sem o conhecimento das leis espirituais não existe responsabilidade nem destino. No entanto, o desenvolvimento continuou. As Nornas deram ao homem a consciência do tempo. A crescente materialização forçou o homem a entrar na dimensão da percepção e sentir conscientemente o espaço e tempo. O que antes era atemporal num "aqui e agora" eterno transforma-se atualmente em "passado" e "futuro". Olhando para trás, a consciência começou a reconhecer seus próprios atos e a projetar sua visão adiante. Então, o homem tomou consciência das energias que provinham do espiritual. Foi assim que o homem se pôs a refletir sobre sua origem e seu destino.
Os fios do destino, tecidos pelas Nornas, podem ser vistos como o carma, que opera de uma encarnação microcósmica para outra. Assim, são como os fios da vida, que ligam todas as encarnações entre si.

UM ESPETÁCULO INTERIOR Quando a vidente falava da árvore do mundo, Iggdrasil, de suas raízes e de sua coroa, todos os que a ouviam conseguiam ver essas imagens diante de si. Eles percebiam essas coisas de maneira muito diferente do que nós, homens modernos, estamos habituados. Eles não conheciam essa faculdade crítica, que faz diferença entre "o que se escuta" e "o indivíduo que está escutando". Eles entregavam-se totalmente ao que ia sendo gravado em seu foro íntimo – ou seja, na trama vital que está na base da existência do macrocosmo e do microcosmo humano. Foi assim que, no nível da primeira raiz, eles começaram a experimentar sua própria vida e a vivenciar o desenvolvimento da consciência.
Eles ficavam conhecendo os mandamentos dos deuses e, quando não se conduziam de acordo com essas leis universais, tinham de aprender a assumir a própria responsabilidade. Foi assim que sentiram a proximidade da fonte do destino. No nível da segunda raiz, descobriram que algo emergia das profundezas do que hoje chamamos de subconsciente. Ao morrer, se pelo menos um pouco da divina coragem de Odin não chegasse a manifestar-se neles, sentiam que mergulhavam inexoravelmente na morte. É por isso que achavam tão importante combater! Afinal, a coragem do sacrifício do eu durante o combate contra as forças e as propriedades da natureza já era o início de um desenvolvimento da consciência, que finalmente seria coroada no Valhalla.
E, por fim, estabelece-se uma relação no nível da terceira raiz, onde nasce a sabedoria. Dentro deles ainda se ouvia a voz da memória da natureza, na qual está gravado tudo o que já aconteceu. Compreenderam então por que havia guerra: porque o homem apenas adquire a sabedoria quando, em seu ser interior, o espiritual e o natural realizam um combate, disputando o coração.

O LAR DA ALEGRIA NO JARDIM DOS DEUSES
No alto da copa da árvore Iggdrasil, por sua coragem intrépida, o homem capta as energias do puro éter espiritual. É aqui, em Asgard, que se encontra "o lar da alegria", Gladsheim, uma das três residências de Odin. Trata-se de um nível, um campo específico que os antigos povos nórdicos personificavam e reverenciavam como a mais alta Divindade. Odin reside em Gladsheim, mas é visto frequentemente em Valaskjalf. Lá fica seu trono, Hlidskjalf. É daí

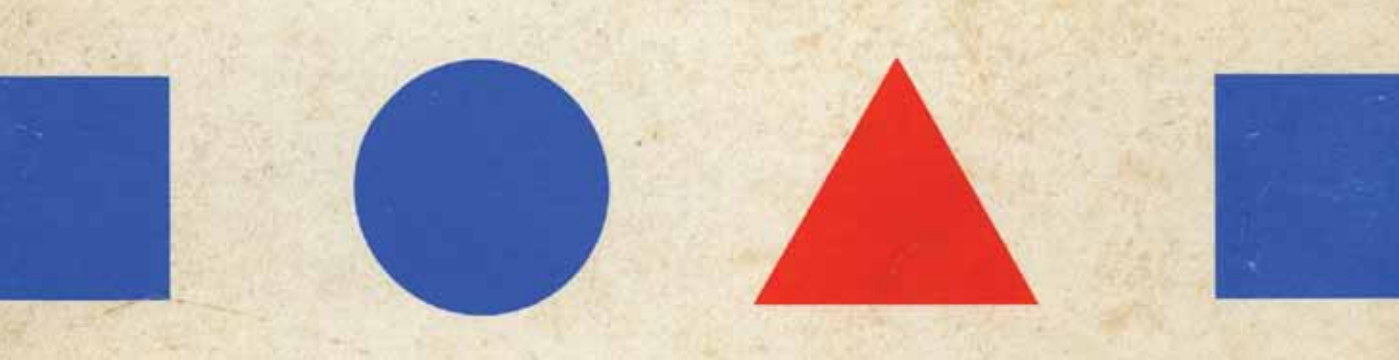


Pedra rúnica em Södra Ving, Höderum, Suécia. Lemos no texto: Tulir e Bunir fizeram esse cairn (monte de pedras) para Buri e Klaka, seus filhos

que ele contempla, de longe, os nove mundos. A mitologia indica, além disso, que se trata de uma divindade que, por sua ligação com os homens, cresce em amplitude e profundeza. A Divindade "amplia-se", por assim dizer, quando o homem pode novamente dispor do olho de Odin, a glândula pineal ou epífise. Realmente: ela é o órgão com o qual o homem pode "ver" em Gladsheim, o lar da alegria em Asgard – o jardim dos deuses. É desde esse local que ele desce, todos os dias, para Midgard – que fica no centro do corpo. Quando o divino se expande efetivamente em um ser humano, o símbolo das propriedades de consciência da alma-espírito é Odin. Na linguagem da mitologia nórdica, ele é o brilhante salvador, o imaculado, o poeta inspirado, o mestre da linguagem e dos escritos. No entanto, quando um homem ainda está sob o império das forças da natureza, sente Odin como ameaça a seu estado de ser, como o sanguinário, o colérico, o líder do exército dos guerreiros selvagens: ele é o símbolo da força motriz do espírito, que leva o homem a evoluir ou recair nas profundezas de Helheim.

DEPENDURADO DURANTE NOVE NOITES Os mitos também contam que Odin ficou dependurado durante nove noites na árvore do mundo. O divino precisou empreender uma luta dentro dele, ao longo de nove estados de consciência. Apareceram, então, nove esferas, nove reinos do mundo, porque a chama do espírito que deu origem a elas se inflamou no universo. Todas as centelhas que um dia se originaram do Espírito percorrem esse mesmo caminho! Em cada esfera, o homem atinge uma nova fase de desenvolvimento. É o caminho "do guerreiro glorioso"! São nove processos sublimes, no plano físico, no plano da alma e no plano espiritual, ao longo de três vezes três fases, ao longo dos nove ramos da árvore da vida, da raiz à coroa, até à unificação na consciência espiritual, em Odin.

Essa grandiosa evolução passa por grandes perigos no plano inferior, na esfera da matéria. Esses perigos apresentam-se pelo fato de que a razão obstinada começa a dar o tom e a tomar o primeiro lugar, sob a forma do semideus Loki: é uma tentativa de desviar a força de vontade do guerreiro puro do mundo espiritual, Gladsheim, para concentrá-lo em interesses pessoais. Loki corresponde a Lúcifer. A descoberta da vontade pessoal é uma experiência tanto fascinante quanto apavoradora para o jovem ego. Encarado segundo o nível de consciência atingido, ele vê sua tarefa, sua responsabilidade e os perigos em seu caminho. Tudo isso cria dentro dele uma impressão que o aterroriza. Fica evidente o quanto o desenvolvimento do homem está ligado à árvore do mundo no fato de que o termo "üggr" significa tremer ✪



RESENHA DE LIVRO: O CAMINHO DE MESTRE ECKHART PARA A CONSCIÊNCIA CÓSMICA

um fio condutor para a **mística prática**

"Nosso desejo de viver a eternidade é, na verdade, o desejo da eternidade que vive em nós. Quem busca a Deus também é buscado por ele."

Mais do que nunca, as pessoas hoje se perguntam: "Qual é o sentido da vida?" O grande místico mestre Eckhart (1260–1328), conhecido por seus ensinamentos religiosos e filosóficos no Ocidente, Grécia, Egito, Oriente Médio e até mesmo na Ásia, desperta novamente nossa atenção. Sua religião vai muito além da crença comum. É como se, do alto de uma montanha, ele esperasse que todos os caminhos do vale convergissem para ela. Hoje, somos capazes de reconhecer nele – que não recuava diante do insondável – o anunciador inspirado de uma religião cósmica universal.

Eckhart pertencia à ordem dos pregadores dominicanos. Essa ordem religiosa se distinguia por suas pretensões intelectuais. No século 13, sob a direção de seu fundador, Domingos de Gusmão (São Domingos), os dominicanos poliram suas mais mortíferas armas mentais para suscitar a cruzada contra os albigenses: eles atiçaram o ódio na Espanha e no sul da França, estimulando o intelecto a fim de refutar os ensinamentos cátaros. No início do século 14, eles lançaram-se ferozmente contra os últimos grupos cátaros: realizavam interrogatórios com crueldade insuportável, sujeitando os que resistiam a mortes indescritíveis.

Apesar de tudo, a obra libertadora dessa fraternidade continuou no Ocidente, onde, por falta de melhores oportunidades, sua atividade muitas vezes se manifestou até mesmo no interior das ordens religiosas existentes. Foi daí que surgiram importantes tentativas de renovação e de reforma de várias ordens religiosas. Basta pensar em Pedro Valdo, o fundador da Ordem dos valdenses, ou em Lutero, sem mencionar os filósofos herméticos italianos, como Marcílio Ficino e Pico della Mirandola. Não é realmente estranho – e até mesmo irônico – verificar que a Ordem dos

Dominicanos, para quem os gnósticos ensinaram a necessidade de observar a discrição e o comedimento, apresente-se como um dos focos de onde partiram os primeiros impulsos de renovação no sentido de uma vida interior crescente? É extraordinário e até difícil compreender como, a despeito de tudo, o universal sempre sabe como penetrar até o âmago do coração dos homens que estão prontos a entregar todo o seu ser, predispostos a alcançar o que transcende a alma natural.

No início do século 14, a Ordem dos Dominicanos ainda se mantinha discretamente ativa na região de Estrasburgo, norte da França. Como havia muito tempo que a fé se havia tornado um ponto focal dos teólogos, mestre Eckhart, fundamentado em uma inspiração revivificada, dinamizou a fé vivente das ficções científicas em vigor na época.

Mestre Eckhart era muito conhecido: ele formou-se na mesma ordem monástica onde Alberto, o Grande, lecionava – onde a forte influência de Tomás de Aquino, falecido pouco antes, estava ainda muito presente. Aluno exemplar, Eckhart desenvolveu carreira brilhante. Ainda jovem, foi convidado a ensinar teologia no convento St. Jacques, em Paris, que era um dos centros mais renomados da época. Foi nesse convento que ele conquistou a intimidade dos franciscanos, depois de um debate no qual fez conhecer sua opinião sobre a ligação do homem com Deus graças a uma consciência interiorizada e mística. Nessa oportunidade, pela primeira vez, ele declarou que o divino se encontra na alma como uma "centelha divina", e que, em *cada um,* ressoa o chamado para tornar-se um filho de Deus, tal qual o próprio Cristo.

Até que ponto Eckhart foi um sutil "mestre em teologia", com grande reputação em matéria de escolástica, por sondar questões e reflexões que, nos dia de hoje, mal são lembradas? Ele preferiu transmitir a seus conterrâneos da região do rio Reno o puro ensinamento do princípio do "Deus que está no interior de todos os seres humanos". Como pode a alma desenvolver-se? Em que consiste a ética do coração? Onde o ser humano pode encontrar seu ideal? Eckhart insistia na ideia de que há uma centelha provinda de Deus presente em todos; e também na ideia de que a alma humana, que é o veículo dessa centelha divina, recebe o poder para purificar-se de todo o seu egocentrismo. Isso vai muito além de simplesmente seguir regras. Eckhart declara: "Deus jamais apresentou um modelo de salvação para o homem. É por isso que precisamos ser preenchidos pela presença divina, animados pelo Deus bem-amado que está em nós, de tal maneira que essa presença possa irradiar de nós sem que necessitemos de esforço especial para tanto".

Essa é a base simples, em que o eu está ausente, para uma vida cristã ideal e uma ética verdadeira. É assim que o ser humano libera o caminho que pode elevar a alma até sua unificação com a (ou como Eckhart afirma, "dissolução na") Divindade, a consciência que interpenetra o ser

Karl Otto Schmidt (1904-1977), autor do livro *Meester Eckeharts weg tot kosmisch bewustzijn* (O caminho de mestre Eckhart para a consciência cósmica), escreveu uma centena de obras sobre temas como: vontade, meditação, mística, vida e morte. Fundamentou-se em suas experiências sobre a imortalidade do princípio intrínseco do homem e sobre seu toque pela Luz. A partir de 1930, ele representou a Alemanha nos movimentos internacionais voltados para "a abordagem fundamental das religiões". Detido em 1941, ele sobreviveu à reclusão no campo de concentração de Welzheim.

Em 1970, foi nomeado para a direção da "Liga por uma Religião Universal" *(Liga voor Universele Religie).* Em 1972, a Cruz do Mérito da República Federal da Alemanha recompensou seu trabalho. Ele morreu em 1977 em Reutligen, na Alemanha. Após sua morte, foi homenageado com o título de *doutor honoris causa* da *United Church of Religious Science* (Igreja Unida da Ciência Religiosa) de Los Angeles.

humano e o universo como um todo. Ele teve de pagar por sua coragem e franqueza, sendo obrigado por seus superiores a retratar suas ideias. Sofreu acusação e mesmo perseguição, numa situação cuja gravidade o obrigou a encontrar-se com o papa, em seu palácio de Avignon, para apresentar sua defesa. Segundo Eckhart, foi-lhe possível demonstrar seu ponto de vista com muita clareza, mas o veredito não lhe foi revelado. Morreu de forma enigmática quando retornava de Avignon.
A partir daí, a igreja não soube o que fazer a respeito de Eckhart e seus adeptos, esses místicos muito respeitados. Sabemos que boa parte de suas ideias foram julgadas heréticas. Mas a influência dessa corrente de pensamento não pôde ser contida. Os "amigos de Deus" e seus alunos, Johannes Täuler e Jan van Ruysbroek, entre outros místicos do Reno, desenvolveram importante papel na tomada de consciência dos buscadores da Idade Média acerca da presença do reino de Deus em nós.

Nesta obra, o autor K. O. Schmidt nos conduz através da via da consciência cósmica. Ele apresenta as três etapas de desenvolvimento desse trabalho interior. São dez passos, no total, a saber:

1. **Os quatro primeiros passos constituem a fase da purificação.**
2. **Os três seguintes, a fase da espiritualização ou iluminação.**
3. **Os três últimos, a fase da divinização ou união com o divino ✪**



Rozekruis Pers Haarlem
ISBN 97890 6732 387 1

Algumas palavras do mais profundo do ser

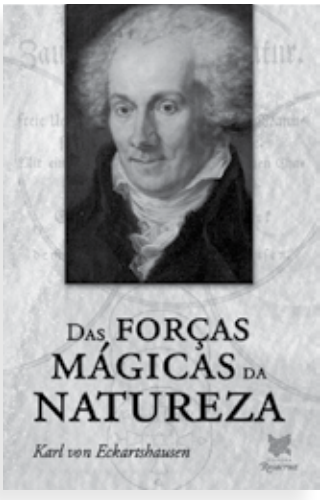
Das forças mágicas da natureza



Algumas palavras do mais profundo do ser

Karl von Eckartshausen

As escolas de mistérios possuem um aspecto exterior, o Átrio, um aspecto interior, o Santo, e também um aspecto interior mais profundo, o Santo dos Santos. Eles estão interligados e constituem um caminho. Neste livro, o autor apresenta regras para esses três aspectos e palavras de consolo para os que aguardam. É preciso buscar a perfeição, na qual estão força e poder, a fim de alcançar a verdade. Essa fonte de perfeição está em Deus.



Das forças mágicas da natureza

Karl von Eckartshausen

"Em nosso âmago estão todas as forças; porque nele está Deus em sua trindade. Se essa trindade cresce em nosso coração, com ela crescem poder, sabedoria e amor; não podemos querer senão o que é bom, verdadeiro e belo, e a essa vontade tudo deve obedecer, porque é a vontade de Deus."

Eis a quinta-essência desse livro. Com uma introdução do Prof. Antoine Faivre, catedrático da Sorbonne de Paris.

Pentagrama Publicações
Caixa Postal 39 – 13240-970 Jarinu - SP – Brasil
Tel. (11) 4016.1817 – fax (11) 4016.3405
www.rosacruzaurea.org.br – livros@pentagrama.org.br

ISSN 1677-2253
R$ 16,00

Precisamos esquecer-nos de nós mesmos!
E, para alguém conseguir esquecer-se de si mesmo, precisa ser ele mesmo! Quando nos emocionamos e nos encantamos, quando fazemos alguma coisa para os outros, quando, em nosso trabalho, desistimos de imprimir nosso narcisismo, avidez e ganância e já não sentimos o impulso de firmar nossa própria posição e poder, então a força turbilhonante que é a vida verdadeira já não encontra nenhuma resistência em nosso sistema. Sim, nesse momento a nova palavra nos penetra, e a nova vida impregna nosso microcosmo como vibração de sabedoria e o eleva a um novo nível, no qual a transformação se torna possível.
Quando somos tocados, passamos por um processo de fusão. E, graças à nova palavra, nos incorporamos em uma nova unidade. Quando ficamos impressionados ou comovidos, tornamo-nos um tanto confusos. E, por estarmos alterados, esquecemo-nos de nós mesmos. Essa é a sabedoria da vida. O que importa é ser nós mesmos e não mergulhar nesse oceano de lágrimas e comoção. Pelo contrário, é preciso deixar que a nova palavra realize seu trabalho em nós, equilibradamente, dia após dia.
Para isso, é preciso ser firme e perseverante.

A escola de sabedoria da vida